Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

(Diviza de Generino)

VOLUME SEGUNDO

LIVRO TERCEIRO — ALMA POSITIVISTA

(Versos de inspiração scientifica, philosophica, social e religiosa)

Jornal do Commercio
RODRIGUES & CIA.
Avenida Rio Branco n. 117
RIO DE JANEIRO
1940

REMÉTE
TESTAMENTARIA
GENERINO DOS SANTOS
Caixa Postal 1041 - RIO

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

(Diviza de Generino)

VOLUME SEGUNDO

LIVRO TERCEIRO — ALMA POSITIVISTA

(Versos de inspiração scientifica, philosophica, social e religiosa)

EXEMPLAR OFERTADO PELA TESTAMENTARIA

Jornal do Commercio
RODRIGUES & CIA.
Avenida Rio Branco n. 117
RIO DE JANEIRO
1940

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34699/13
802
S237h
V.2 1940
Cd. F.C

Fôrão impréssos désta óbra:

100 *ezemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade, numerados de 1 a 100;* e

400 *ezemplares em papel de 2ª qualidade, que constitúem a "edição popular"* (TESTAMENTO *p. XXIV*).

3

"Vous savez que je regarde le mode normal de distribuition des livres comme consistant à les donner aux lecteurs capables d'en profiter, en ne considérant aujourd'hui la vente que comme destinée surtout à couvrir les frais d'impression."

AUGUSTE COMTE. — (*Letres à Divers, t. I — 2.e partie — p.* 96).

AVIZO

Toda a correspondência, acerca do Espólio Literário de Generino dos Santos ,déve ser dirigida, diréta e esclusivamente, á

Caixa Postal 1041 — Rio de Janeiro

ADVERTÊNCIA

Aparéce este segundo volume do Espólio literário de Generino dos Santos depois de se acharem em circulação, alem do 1.º, o 3.º, o 4.º, o 5.º, o 7.º, o 8.º e o 11.º volumes. (*)

Cumpre declarar aqui que o título — "Alma pozitivista" não lhe foi dado pelo Autor que, em seu testamento (pág. XXX do 1.º vol. do espólio), entre os livros especiais a que alude, menciona — "Humaníadas" (vérsos de inspiração sientífica, filozófica, social e religióza).

A esse respeito, dis o sr. J. Soares Pereira, em sua "Nóta sobre a revizão geral e classificação dos manuscritos de Generino dos Santos", estampada à pág. 222 do 1.º vol.:

> *"Dos livros citados no testamento só fôrão encontradas referências aos seus títulos, como atrás já ficou dito: "Humaníadas", porem, estava separado, com o esboço de página-de-rosto e uma nóta de que é constituido de "200 sonetos". Entretanto, sómente 113 sonetos aí se contínhão e não havia sido obedecida a classificação final da óbra, dada pelo poéta: os temas mais divérsos são encontrados no volume, de acordo, aliás, com o sub-título que lhe foi dado —"Toda a lira"."*

Em "Adendo" a éssa nóta (ibd., *pág. 224*), *acrecenta:*

> *"...fôrão organizados os seguintes volumes de vérsos — alem de um de próza e vérso, o último — depois de um entendimento com os ezecutores testamentários:*
>
> .....
>
> *2.º — "Humaníadas, ou outro título que se lhe dê, para diferençá-lo do título geral da óbra — compreendendo os "vérsos de inspiração sientífica, filozófica, social e religióza".*

O título "Alma pozitivista" foi, afinal, escolhido por inspiração de outros títulos adotados pelo Autor, como sêjão — "Alma coletiva", "Alma alheia".

Fícão, assim, enfeixadas neste volume as produções mais íntimamente ligadas às crenças filozóficas e religiózas de Generino, pelo que paréce oportuno transcrever aqui as passagens de seu testamento, integralmente publicado no 1.º vol. de "Humaníadas", acerca da maneira pela qual chegou ao Pozitivismo:

> *"DECLARO que, tendo nacido de pais católicos no seio do catolicismo, e nele sido batizado e crismado na estinta igreja do Corpo Santo, matris da Freguezia de São Frei Pedro Gonçalves, no bairro do Recife, cheguei evolutivamente, por mim mesmo, por uma necessidade do meu espírito que flutuava no vazio de perdidas crenças sobrenaturais, — com a leitura cazual e depois meditada do "Discurso de introdução*

(*) *Vide o indículo geral do espólio, na letra C do apêndice deste volume.*

à História Concréta da Humanidade", dos "Grandes Tipos da Humanidade" e da "Civilização Chineza" (que, depois, traduzi, por incumbência de Miguel Lemos) de Pierre Laffitte; d'"A Índia", de Ricardo Congreve, seguidos, lógo depois, da "Filozofia Pozitiva" (condensação Martineau), da "Politica" e mais óbras fundamentais de Augusto Comte e seus fiéis discípulos, completadas e consolidadas, pouco a pouco, não só pela cotidiana propaganda oral e escrita, ardoróza e idôneamente feita no Rio de Janeiro, mas ainda, e principalmente, pelo curso sistemático que, do dógma pozitivista, por alguns anos na "Sala Daniel Encontre" e alhures fês o eminente Apóstolo da Humanidade Sr. Teixeira Mendes, e assiduamente segui, tendo tido a incomparavel ventura de ver sientificamente demonstrada toda a veracidade desse indestrutivel dógma — cheguei ao Pozitivismo ortodóxo e submissamente livre (sem constrangimento de compromisso algum ecleziástico), á Religião da Humanidade, que incorpóra todas as demais religiões — desde o fetichismo inicial, que aliás atravéssa toda a nóssa existência, como etapas gradativas de um mesmo sentimento religiozo que se fosse continuamente dezenvolvendo, de módo a se poder comparar o hômem e a Humanidade com um ser, individual ou coletivo, que, no tempo e no espaço, fosse acendentemente variando, permanecendo, todavia, idêntica e fundamentalmente o mesmo — como pálidamente translus deste soneto de "Humaniadas": — Ato de Fé Pozitivista." (V. o soneto no Prólogo deste volume).

.....

"E, como na Religião da Humanidade tenho vivido, nela dezejo morrer ou subjetivamente transformar-me, sendo modestamente sepultado, segundo seu ritual, na sagrada necrópole de São João Batista da Lagoa, si possível envolto no "auriverde pendão de minha Térra", que evoluiu do "iriado pavilhão solar de Dezesete", confederando-a "como em vinte e quatro a do Equador". (*).

Assim a Humanidade me ajude e meus correligionários, na hóra estrema, me não dezampárem. — Assim seja." (Ibd., *págs. XXXVI e XXXVIII*).

Transcréve-se, como remate désta advertência, o primitivo estatuto do "Centro Pozitivista", ao tempo em que dele fês parte Generino. Sobre a denominação "Centro Pozitivista", criada por Miguel Lemos, veja-se a sua Primeira Circular Anual, 1881, 2.ª edição (1900), pág. 35. (**)

(*) *Acerca da mórte de Generino e seu sepultamento, vide o apêndice do 1.º vol. de "Humaniadas", pág. 239, e mais o "Jornal do Brazil" de 31-VII-928; o "J. do Comércio" de 21-VII-928 (Sessão da Academia Brazileira de Letras); "O Globo", 1.ª ed., de 26-I-933, artigo de Reis Carvalho; "J. do Comércio" de 3-IX-933; "Generino dos Santos",* in *"Vultos do Meu Caminho", de Paulo Jozé Pires Brandão (S. Paulo — Tip. do Inst. Ana Róza, 1935, págs. 141 a 180); e a Advertência do 1.º vol. do espólio, de nov.-1937.*

(**) *Sobre a evolução do Pozitivismo no Brazil e a organização da Igreja fundada por Miguel Lemos, vide Teixeira Mendes — "Rezumo cronológico do Pozitivismo no Brazil — 1924" (publicação póstuma de 1930) e "A Igreja Pozitivista do Brazil na hora da transformação de R. Teixeira Mendes", saída em 28-VI-928, e, ainda, "A guarda e conservação sociolátrica da Caza de Clotilde (5, rue Payenne — Paris) por Otávio Barbóza Carneiro, 1930, pág. 11.*

"CENTRO POZITIVISTA

7 Travéssa do Ouvidor 7

FIM

O Centro Pozitivista tem por fim propagar a Religião da Humanidade, fundada por Augusto Comte, pela ação oral e escrita, e pelo ezemplo.

BAZE MORAL

Todos os membros do Centro Pozitivista e das sociedades filiadas acêitão, sem restrição alguma, o conjunto dos deveres pozitivos e negativos prescritos pela sua religião. — Tômão todos o compromisso solene de conduzir-se de acordo com as suas opiniões e de consagrar toda a sua atividade e todo o seu devotamento à incorporação do proletariado na sociedade modérna, rezumo atual de toda a ação pozitivista.

De um módo mais especial, comprométem-se:

1.º A não possuir escravos, qualquér que seja a fórma désta pósse monstruóza.

2.º A não ocupar cargos políticos, durante a faze empírica da tranzição, segundo foi definida por Augusto Comte.

3.º A não ezercer funções acadêmicas, quér no ensino de nóssas faculdades e escólas superiores, colégio de Pedro II e estabelecimentos congêneres, quér como membros de associações sientíficas ou literárias.

4.º A não colaborar no jornalismo, diário ou não, nem auferir lucros pecuniários de seus escritos.

5.º A assinar com o seu nome, ajuntando a este as indicações necessárias, (*) todas as suas publicações, cuja inteira responsabilidade moral e legal deverão assumir.

BAZE MATERIAL

A ezistência material do Centro Pozitivista assenta no livre concurso pecuniário de seus membros e de todas as pessoas que sem aderir inteiramente às nóssas crenças, júlgão contudo dever aussiliar os nóssos esfórços regeneradores. — Não há quota determinada, podendo cada qual concorrer na medida de seus dezejos e de suas pósses.

(*) "Il faut d'abord suprimer toute entrave aux communications écrites en réduisant la police de la presse, même affichée, à l'obligation de tout signer completée par l'exacte indication du domicile de chaque auteur, avec la date et le lieu de sa naissance." — AUG. COMTE.

Rio de Janeiro, 11 de Frederico de 151 (15-nov.-1939).

S. VIEIRA SOUTO,
testamenteiro.

ÍNDICE DO VOLUME SEGUNDO

Págs.

Advertência 1

LIVRO TERCEIRO — ALMA POSITIVISTA

(Versos de inspiração scientífica, social e religiosa)

Prólogo —

No tempo e no espaço:

1. Minh'alma como um pombo viajante 13
2. Como enorme oceano que se estende 14
3. O tempo foge instante após instante 15

A Fé 16
A Epopéia humana 17
A Cathedral 18
Acto de fé positivista 19

— 1 —

(Versos de inspiração scientífica e philosóphica)

O Grande Meio humano 23
Suprema Synthese planetária 24
A synthese biológica 25
La ragione delle cose... 26
O fio de Ariadna 27
Verdade e erro 28
Problemas dos sentidos (sete sonetos) 29
A alma 34
Analyse e synthese 35
Gall 36
O maravilhoso paiz de Gall 37
Vis genitrix 38
A synthese temporal humana 39

— 2 —

(Versos de inspiração social)

Destinos concêntricos (quatro sonetos) 43
L'art de bien faire 47
Os avós 48
Arte de ser avô 49
A avó 50
O varão probo 51
Vera estátua 52
Um homem digno 53
Palavras ao teu ouvido 54
Pobreza envergonhada 55
Pobre mãe ! 56

PÁGS.

Os lázaros 57
A' memória de Gonçalves de Araújo 59
A escola 60
A tragédia pathologica 61
Radiophrite 62
Suprema dor 63
Na festa dos Mortos 64
Na morte do Dr. Audiffrent 65
Na comunhão dos Mortos 66
Subjectiva viuvez eterna 67
Sobre a morte de D. Heloisa Montenegro Cordeiro 68
Na morte de Miss Mary Crompton 69
In Æternum (A' Viúva Benjamin Constant) 70
Eternidade subjectiva 71
Subjectiva dor reflexa 72
Na morte de Oscar do Nascimento 73
Na transformação do Dr. Alberto Vieira de Lemos 74
Ignoto Marte 75
Na dobra do caminho... 76
Pela Patria 77
José de Anchieta 78
Libertando 79
A Terra 80
Orando 82
A um proletário escravo 83
A victima 84
O trabalho 85
Contradições jurídicas 86
O preconceito 87
Idéa mater 88
A República 89
Hymno á Paz 90
No amaramento de uma bandeira 92
Lendo Condorcet 93
O começo do fim 94
Alea jacta est!... 95
Pedra que rola!... 96
Libertas quae sera tamen... 97
No pedestal da estátua de Castro Alves (um triptico):

1. Excelsior ! 99
2. A cavalgada dos mortos 100
3. Coup d'étrier 101

— 3 —

(Versos de inspiração religiosa)

Avê, Humanitas ! 105
Vergine Madre 106
No centenário de Clotilde de Vaux 107
Gloria ! 108
O nosso templo 109
A Rosalia Boyer, Mãe de Augusto Comte 110
A Clotilde de Vaux 111
A Sophia Bliaux, filha adoptiva de Augusto Comte 112
A Augusto Comte 113
A' memória de Augusto Comte 114
Oração anual 115
No centenário de Augusto Comte 116

Págs.

No 41.º anniversário fúnebre de Augusto Comte 117
No 101º anniversário natalício de Augusto Comte 118
Um pensamento de Augusto Comte 119
O século de Augusto Comte 120
Transymbolismo histórico 121
Sagrada relíquia 122
A estátua de Augusto Comte 123
A idéia nova 124
Dois Apóstolos 125
No seio da Humanidade 126
Marcha nupcial 127
Apresentação (Sacramento) 128
Mamãe-Humanidade 129
A vida 131
Na festa sociolátrica do fogo 132
Amor eterno (A D. Albertina Lemos) 133
Graças ! (A Teixeira Mendes) 134
Supremo esforço (Idem) 135
Um voto piedoso (Idem) 136
Desillusa illusão (Idem) 137
Gaudiamus ! (Idem) 138
Morta ! (Sobre a morte da Sra. Ernestina T. Mendes) 139
Nunca assaz louvada (Idem) 140
A dôr que mais dóe (Idem) 141
Mors — discessus !... (Na morte de Miguel Lemos) 142
Rosalia-Ignez (Filha de Teixeira Mendes) 143
Barbara fatalidade (Na morte de Cipriano T. Mendes) 144
Entre a vida e a morte 145
Lágrimas de crocodilo 146
Predestinação apostólica 147
Avê, immortal ! (No enterro de Teixeira Mendes) 148
Adeosa ! No sepultamento de Teixeira Mendes) 149
Sotto voce (Comemoração Teixeira Mendes) 150
Primus inter pares (Festa dos Apóstolos) 151
A' suprema glória de Teixeira Mendes 152
São Francisco de Assis 153

Epílogo —

Relíquias 159
A ronda dos Mortos 160
Mundo ideal 161
A' santa memória de minha Mãe 162
A' memória de meu Pae 163
Longe de ti (A' minha Mãe) 164
A' notícia da morte de minha Mãe 165
Na sepultura de minha Mãe 166
Num retrato de minha Mãe 167
Legendas (ibdem) 168
Retrogradando o caminho percorrido 170
Topo da montanha 171
Non omnis moriar 172

Apêndice:

A — Nota ao soneto "Retrogradando o caminho percorrido" .. 175
B — Breves informações sobre o estado actual da execução testamentária de Generino dos Santos (novembro de 1939) 177
C — Indículo geral do Espólio literário de Generino dos Santos 179
D — Resumo financeiro do Espólio 181

Estampas:

		PÁGS.
I	— "Viuvez eterna" — Quadro de Eduardo de Sá. Paris, 1908	67
II	— Anchieta (Fundação de São Paulo) — Projecto de monumento de Eduardo de Sá	78
III	— Castro Alves (cantando na lyra africana) — Bronze de Eduardo de Sá	98
IV	— Clotilde de Vaux, de Tony Touillion, segundo Etex	107
V	— Rosália Boyer (Mãe de Augusto Comte) — Quadro de Eduardo de Sá	110
VI	— Augusto Comte	116
VII	— Miguel Lemos (Director da I. Positivista do Brasil)	124
VIII	— R. Teixeira Mendes (Vice-Director da I. P. do Brasil)	125
IX	— Casamento no Templo da Humanidade	126
X	— O Apóstolo Teixeira Mendes, em 1925	144
XI	— Maquette de "Sta. Clara e S. Francisco" — Ed de Sá	145
XII	— Santa Clara e São Francisco (Instituição do "Cântico do Sol") — Grupo em bronze de Eduardo de Sá. 1927	156

LIVRO TERCEIRO

ALMA POSITIVISTA

(Versos de inspiração scientifica, philosophica, social e religiosa)

PROLOGO

NO TEMPO E NO ESPAÇO

1

Minh'alma, como um pombo viajante,
Que veio da caverna primitiva,
Pairando, em sua rota evolutiva,
Em todo humano ponto culminante,

Vem gemendo de dôr, cantando ovante,
Tudo o que lhe ficou na retentiva:
Vida real ou vida subjectiva
Quanto sentiu, pensou e agiu, constante.

D'azas recurvas no ar, em tempo escasso,
Como com duas pontas de um compasso,
Mediu toda a extensão do sêr pensante;

E, se não canta a Deosa em seu Planeta,
E' que lhe falta para ser poeta
A envergadura colossal do Dante.

2

Como enorme oceano que se estende
E flue de cada berço á sepultura,
Em successão continua o tempo ascende:
— Não tem começo e eternamente dura.

Quando a luz primitiva surprehende
Pávido o homem na caverna escura,
Poz-se a correr, com elle... e inda não tende
Ao póstero limite que o tortura.

Corre — e não pára nunca! — embora tente
Detêl-o — um só momento! — o mais ousado:
— Comsigo o arrasta a indómita corrente!

Que o tempo — inda ao nascer — eternisado,
Si, um momento, alguem cuida que é — presente —
Vê que, n'esse momento, é já passado! —

3

O tempo foge, instante após instante,
Minuto após minuto, hora após hora;
E' noite quasi, mal começa a aurora;
Mal finda a noite, o dia está distante.

E, assim, fugindo, em successão constante,
Dia após dia, mez após mez, annos em fóra,
Se vai o tempo e seculos devora,
Sem nunca mais volver, um só instante!

Ah! nunca mais! que o tempo — outro Saturno
Vai devorando quanto ha produzido
E a si mesmo devora por seu turno.

E' bem feliz, quem tendo assás soffrido
Do tempo o rigorismo diuturno,
Ao tempo houver por fim sobrevivido!

A FÉ

Era ella, que outr'ora, interna luz, visivel
Sómente ás almas sans e aos puros corações,
Andava a conduzir as cegas multidões
Em busca do ideal supremo — o incognoscivel.

Ella amava e ensinava a amar um Deus terrivel,
— O Deus do Pentateuco —, o qual, sem mais razões,
Puniu barbaramente infindas gerações
Pelo crime de Adão — um sêr affectivel!

Por isso ella cahiu. Debalde o Christo veiu
Affirmal-a e morrer! — A fé — o forte esteio
Do templo — estava morta e a Igreja inconsolavel.

Em vão tenta evocal-a agora á consciencia!
A razão transformou-a, assimilou-a a sciencia:
— Era cega e fatal; é hoje demonstravel.

A EPOPEIA HUMANA

E a Terra em torno ao Sol, rythmica e veloce,
Em branda oscillação, eterna vai girando,
Como scenario enorme em que, de quando em quando,
O homem crea Deus, qual se Deus homem fosse.

E por tal forma Deus se foi habituando
A ser homem que, em Budha e Jesu, humanisou-se.
— A "Divina Tragedia", em Eschylo, acabou-se,
— A "Divina Comedia", em Dante vai findando.

E, agora que a sciencia, á luz carteziana,
Lhe fez ver quanto a especie assim divinisou-se
Contempla a Humanidade essa Epopeia humana

Que a mão de Augusto Comte em bronze está
[traçando.
— E a Terra em torno ao Sol, rythmica e veloce
Em branda oscillação eterna vai girando!

A CATHEDRAL

Diis extinctis Deoque, successit Humanitas".

(Ao Sr. Senador Godoy — Positivista)

"O céo por que choraes é uma ficção christã."
GOMES LEAL — *Claridades do Sul.*

SYNTHESE MONOTHEICA E CATHOLICA

Eil-a escalando o espaço a mole de granito,
A gothica epopéia, o austero monumento,
Que muitas gerações, com o mesmo pensamento,
Ergueram para os céos, em busca do infinito!

Ali, quanto ha de grande e bello eu vejo escripto
A idéa e a aspiração, a arte e sentimento:
— E' aguia que vôou, fitando o firmamento,
E, estatica parou, petrificando um grito!

Na extensa columnata, a dôr succede ao riso;
Cada ogiva é uma prece; um sonho, cada friso;
A cúpula, a salvação; a agulha, a eternidade.

No entanto, a rendilhada e colossal cadeia
De vozes idéaes, de luz, e aromas cheia...
— Já não póde conter o deus da Humanidade.

ACTO DE FE' POSITIVISTA

"Credo quia demonstrandum".

Creio em Ti, Grande Sêr, Mãe carinhosa,
Que, em teu fecundo seio immaculado,
Engendraste o presente do passado
Conformando o porvir que Te endeosa.

Tudo que sou, t'o devo. — E's bondadosa
Providencia Moral que me ha guiado;
Pois, sem Ti, todo amor fôra peccado,
Toda sciencia egoistica e vaidosa;

Eu que, outr'ora, sem Ti, luctava a esmo,
Por Ti me agito — e teu soffrer partilho,
Partilho teu destino afortunado.

O' Virgem Mãe! O' Filha de teu Filho!
Que eu ame mais a Ti do que a mim mesmo,
E nem a mim, sinão por ter-Te amado!

I

(Versos de inspiração scientifica e philosophica)

O GRANDE MEIO HUMANO

(COSMICO, VITAL, SOCIAL, MORAL)

Tal qual, no mundo physico, ha uma atmosphera
Que se respira e engendra, ha um tempo, a vida e a [morte,
E existe um meio dermico, em corpo fraco ou forte,
Em que a dupla funcção da vida se lhe opera;

Existe, assim tambem, um meio, n'outra esphera
Social, que o educa e á acção lhe orienta um norte,
Qual, no mundo moral, que o dirija e conforte,
Um meio em que o saber social lhe idéas gera.

E' tudo solidario assim no sêr humano
Que, se reage, o meio esmaga ou lhe é tyranno:
A saude, o civismo e a civilisação.

E, si uma idéa surge e vinga n'esse meio,
Paira no ar, respira e aspira-a com anceio.
— Ninguem se subtrai á humana evolução.

L. G. 2-VI-912.

SUPREMA SYNTHESE PLANETARIA

Cyclos cerrados:

(GALLILEU — O MUNDO, GALL — O HOMEM,
E AUGUSTO COMTE — A HUMANIDADE)

Uma pagina da Epopéia Humana

A MIGUEL LEMOS E TEIXEIRA MENDES

Galileu, descobrindo o duplo movimento
Da Terra, em torno ao Sol e em torno do seu eixo,
Do antropomorphismo ao erro poz um fecho:
— O Mundo libertou do "Velho Testamento."

Quando Gall descobriu que é o cerebro apparelho
D'orgãos cujas funcções são bons ou máos instinctos,
— Extincto o Deus Christão, deoses pagãos extinctos —
O homem libertou da "Graça" e do "Evangelho".

Mas, quando descobriu a lei dos tres estados
E a lei do classamento ou geral hierarchia
Dos phenomenos em sciencias seriados;

Que, entre o homem e o mundo, estava a Sociedade
E a humana evolução a do homem repetia:
— Fundou Augusto Comte, então, a Humanidade.

L.G. — Rio, 1-5-912.

A SYNTHESE BIOLOGICA

Lei fundamental: nascer, crescer, morrer

(BICHAT, BLAINVILLE, GALL, BROUSSAIS, AUGUSTO COMTE)

E' lei e condição do vivo sêr humano
Reproduzir-se n'outro igual em que renasce.
— O instincto sexual domina soberano
O da conservação da especie — e o homem nasce.

Mas como vida é troca ou duplo movimento,
Que o compõe decompondo, entre o organismo e o meio,
Por continua assorpção de triplice alimento
E' que se nutre e cresce e vive no seu seio.

Quando, porem, se rompe o organico equilibrio
E o cerebro não mais as visceras domina,
E da idade ou do meio é physico ludibrio,

E não mais sente, ou pensa ou age — e nem occorre
Ou pode reagir contra o mal que o elimina:
— Decrescendo ou extinguindo, abrupto ou lento,
[morre.

LA RAGIONE DELLE COSE...

"Data similitudine,
Notanda differentia."

Por que é que todo sêr organisado
Se reproduz num outro semelhante;
E o genio, entre taes sêres, culminante,
Raro produz um outro sêr geniado?

Será porque tal sêr é destinado
Da sua especie á novação constante;
E o genio, bem mais que outro, um sêr pensante,
A' progressão mental é reservado?

Não sei. Mas si, no cerebro e organismo
Humano, o que concorre, é solidario,
Varia, ás vezes, seu funccionalismo:

A bem da especie, o seu producto é vário.
— E o instincto constructor que, em eretismo,
Procrêa... não constroe um arenario.

M. G., 24-VI-913.

O FIO DE ARIADNA

(Lei da continuidade individual ou identidade humana)

A RODOLPHO DE PAULA LOPES

A vida é inestricavel labyrintho
De Creta, onde — Ariadna sem fio —
Não ha quem se não perca em tresvario:
— "Não vai quem quer á pavida Corintho!"

E, si — de sete em sete annos — sinto
Renovar-se-me o corpo, já tardio,
Tambem meu forte espirito erradio
Evolue — e me vejo bem distincto.

Mas, através de mim, continuamente,
Ha, como n'um marconico apparelho,
Voz que me diz que sou o mesmo ente.

E, quando acaso me contemplo ao espelho,
Vejo-me inda a remar contra a corrente,
De costas para o sol: — tão só... mais velho!

Rio, 27-V-09.

VERDADE E ERRO

PARA O JULIO NOVAES

"Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu (Aristoteles), nisi intellectus ipse (Leibnitz)."

"Subordinar todas as nossas construcções subjectivas aos materiaes que nos fornece o mundo". (Lei de Phil. Primeira.)

Verdade ou êrro: — tudo é relativo.
— Si, quanto existe em nosso entendimento,
Nos vem, pelo sensorio, ao sentimento,
Excepto o proprio agente intellectivo;

E, assim, lhe serve então de correctivo.
Regulador, estimulo e alimento
Subordinando cada pensamento
Ao seu material objectivo:

Quanto maior nos fôr o syncronismo
Da noção, entre o objecto e o subjectivo,
Será mais verdadeira, exacta e sã.

Mas, si assim é — e tudo é relativo —
Erro, que é? — Póde ser um illogismo;
— E — êrro de hoje — é a verdade de amanhã.

PROBLEMAS DOS SENTIDOS

CASO PARTICULAR: OS OLFATIVOS

1.º

Nada existe no nosso entendimento
Que lhe não venha só pelos sentidos,
Excepto o alto factor do pensamento
Que o elabora com os dados fornecidos.

E, sendo os phenomenos percebidos
Oito, em irreductivel classamento,
Oito os sentidos são, que o sentimento
Nos dão dos sêres todos conhecidos.

Como, porém, vem elles ao sensorio?
— Por nervoso apparelho transmissorio
Que o cerebro, ligando, une e resume,

Em ver, ouvir, cheirar, gostar e... o tacto
Que se desdobra em quatro, de um só jacto:
— E têm fórma, côr, som, sabor, perfume.

2.º

Assim, si das papillas ao contacto
Resôa taça de oloroso mosto,
Logo o tacto nos dá — e a contra-gosto —
Conta de um corpo estranho, ipso facto.

E, si o olhar vê-lhe a côr, bem como o olfacto
O cheiro, o ouvido, o som, a lingua, o gosto,
Abstrahindo o phenomeno composto,
Noção de onde se dá, dá-nos o tacto.

Mas, si levantarmos essa taça,
Sente a musculação que ella é pesada,
Diz a calorição si é fria ou quente.

E, si corrente electrica a traspassa
Percebe a electricção que é electrisada:
— Por oito sentidos, pois é que a alma sente.

3.º

E, desses oito aspectos que aprecia,
Nascem quatro sciencias abstractas
Que nos dão, do que existe, as leis exactas,
Concretisadas na cosmologia.

Mathematica, a forma; Astronomia,
Do movimento as leis fetichocratas;
Mas da Physica e Chimica é que irradia
A luz das mais noções que nos são gratas.

Mas, onde se ella fórma? — No apparelho
Cerebral, que é placenta ou grande espelho
A reflectir do mundo a varia imagem.

E — meditação concreta e após abstracta —
Toda a impressão transforma que retrata
— E concebe e traduz pela linguagem.

4.º

Isto posto, vejamos como opera
No seu laboratorio o entendimento:
— Orgão especial, que o sirva a aprasamento,
Não tem o tacto; em todo o corpo impera.

Os mais, tem cada orgão proprio assento
No ouvido, olhos, nariz ou bocca — e os gera
O tecido ou nervoso filamento
Qu'em sensação muda a impressão que o opéra.

Mas, como sensação é movimento,
Perto ou longe, momento por momento,
Cada qual os recebe do seu modo.

Vibra, ondúla, se emana ou manifesta
A impressão? Logo o sentido o attesta,
Interessando o apparelho todo.

5.º

E, então, surge o problema dos valores:
— Mas, quantas vibrações o orgão fulminam,
Para que luz ou côr se lhe definam?
Quantas emanações geram odores?

E o som, que ondulações o determinam?
E contactos linguaes com os gustadores
Para que taes sabores se decirnam?
Com as papillas, no tacto, os transmissores?

E o dos correlativos surge inteiro:
— "Tal côr vale tal som, sabor ou cheiro,
Si o opera o mesmo gráo de movimento" —

Mas, quanto á gustação que se não presta
A avaliação, a Chimica protesta!
— E' hypothese a que chega o entendimento.

6.º

E', lei porém, geral dos sensitivos
Variarem de gráo de intensidade,
A' maior ou menor sensibilidade
Dos nervos e apparelhos receptivos.

E lei particular dos olfativos,
(Quer perfumes syntheticos, quer flores):
— Quanto mais fortes, mais enervadores;
Quanto mais brandos são, mais sedativos.

Assim é que, todo perfume brando
Produz um bem-estar — é flauta actuando
No systema nervoso brandamente;

Ao passo que, por capitoso, o forte,
Como um clarim, o irrita fortemente,
A loucura produz, produz a morte.

7.º

Prova-o o desequilibrio pathologico:
— Si é molestia (symptoma, na verdade),
Saude a variar de intensidade,
Todo choque traumatico-histologico.

Que tecido romper, violento ou toxico,
E, com elle, a solidariedade
Cerebro-espinal, bem pode ou ha de
Trazer forçosamente a morte, é logico.

Evitai, pois, todo perfume forte,
Que perturba a razão, desvaira a mente,
Gera a allucinação, fulmina morte.

E, si quereis sonhar sem morbideza,
Usai do brando, que achareis sómente
Na retorta da flor, na natureza.

Ladeira da Gloria, Rio. 29-V-912.

A ALMA

A alma é o cerebro em acção.

São o carbono, o oxigenio, o hydrogenio e o azôto que constituem a essencia da trama animada.

O positivismo substitue a alma real, designando o conjuncto das funcções activas, intellectuaes e moraes, que se elaboram nas cellulas cerebraes, á alma sobrenatural, ficticia e facticia.

ANDRE' POEY — *Le positivisme.*

Escuta, alma divina, ó alma enamorada
Que vives de perfume e vives de poesia;
Para quem a sciencia é uma prisão sombria,
E o mundo se reduz ao olhar de tua amada;

Desterrada do céo p'r'ao céo sempre voltada,
Como a flôr onde o deus indiano se exhibia;
Alma que o bardo rei da velha theologia
Foi no inferno encontrar a outra entrelaçada;

Pobre alma ficticia, escuta: — o criticismo,
Matando o velho deus carnal do Christianismo,
Expelliu-te do céo, — do céo vasio e rôto!

Applicou-te, immortal da chimica o processo,
E viu que eras um pouco apenas... ó progresso!
— De carbono, hydrogenio, oxigenio e azôto.

ANALYSE E SYNTHESE

A ALFREDO COELHO BARRETO

Onde vais tu voando, alado pensamento
Humano? Onde vais tu avassalando tudo
Interrogas se ha Deus? Tudo o que existe é mudo.
— E' fórma quanto vês ou tudo é movimento?

Tu mediste a extensão; sondaste o firmamento;
Os corpos submetteste ao mais severo estudo;
Analysaste a vida: — e não és bom, comtudo!
— Tudo nos vem do mundo, excepto o pensamento.

Volve, pois, sobre ti; contempla-te a ti mesmo:
Que és tu? *Ignoto deus* que se revella a esmo?
Que és tu? — Simples funcção do cerebro, o mais rudo.

E o cerebro tem leis; e a lei que predomina
Sobre o egoismo é o amor, que a amar, amando, ensina:
Tudo amor synthetisa; egoismo analysa tudo.

GALL

O desdenhado Gall — o "phrenólogo insano" —
Que a Flourens reduzira o audaz Napoleão,
Contempla, absorto, um craneo e o tinha sobre a mão,
Como um mundo onde habita o pensamento humano.

"Aqui é a região do instincto mais tyranno;
A das paixões, alli; alli, da inclinação..."
E ia localisando, assim, cada funcção,
Segundo as depressões do orbe craneano.

E achou que, se a funcção reflecte, como espelho,
O orgão que a produz e o organismo o consente,
Era o cerebro humano esplendido aparelho,

Sujeito ás reacções das visceras sómente.
— Estava aniquilada a lenda do Evangelho,
Que lhe fizera d'alma... um sopro omnipotente.

O MARAVILHOSO PAIZ DE GALL

DESCOBERTO, ACCRESCIDO E ORGANISADO POR AUGUSTO COMTE

Velho paiz estranho, esse Paiz de Gall,
Que Comte organisou, chamando-o "Quadro d'alma"!
— Aqui é a região do amor, triplice e calma:
"Agir por affeição" — seu lemma inicial.

Fica ali a região que esclarece o sentir.
Contempla quanto a cerca; e abstracta ou então con-
[creta,
Medita — induz, deduz, constróe — formúla, e recta
Divisa alli se lê — "e pensar para agir".

Eil-a, emfim, a região febril da actividade,
A coragem lhe incita, a prudencia detem,
E a firmeza conserva a personalidade.

Regem-lhe quinze leis mentaes a sociedade
E um Deus, que varia á propria imagem, tem
— O Paiz cerebral que adora a Humanidade.

VIS GENITRIX

Poeta, si no animico apparelho
Tudo quanto consente é solidario,
Pois lhe conspira contra o que é contrario
Todo sanguineo globulo vermelho;

Deve obra d'arte ou sciencia ser espelho
De eleito coração humanitario,
A reflectir um genio hereditario
Que no saber humano haja conselho.

E' que o orgão cerebral que tudo crêa
Reage sobre o orgão que procrêa,
Plasmando a vida, a phosphoro e oxigenio

E — instincto maternal — a vis suprema
Que gera obra immortal, tratado ou poema
Gera o homem tambem, tambem o genio.

VII-913.

A SYNTHESE TEMPORAL HUMANA

MONARCHIA — DEMOCRACIA — SOCIOCRACIA
O REI — O POVO — A HUMANIDADE

Houve tempo em que Rei era, no throno,
Fetiche em pedestal, por Deus erguido,
A cujo sócco o Povo embrutecido
Dormia, alvar, do vilependio o somno.

Foi na idade de bronze, em triste outomno
Da vida das nações, quando banido
Era o Direito e o Algoz ennobrecido,
Quando gemia o Povo em abandono.

Esse tempo passou — Moral renovo
Enflorou o alóes da liberdade:
E Rei só foi quem quiz o proprio Povo.

Era, porém, de amor e actividade,
Nem, hoje, o Povo é Rei: — ao homem novo
Quem gera e rege e guia é a Humanidade.

1871-1926.

2

(Versos de inspiração social)

DESTINOS CONCENTRICOS

ASSIM FALLA A HUMANIDADE

I

Quem quer que sejas tu — humilde ou poderoso,
Pobre ou rico, plebeu ou nobre, sabio ou ignorante —
Contempla, em cada sêr humano, um semelhante
D'outro sexo ou do teu, mais moço ou mais idoso.

Homem, mulher, creança ou velho desditoso,
Não mais é do que um sêr que foi, d'instante a instante,
Crescendo ou que decresce até volver a infante:
— Sê-lhe amigo fiel, venerador, bondoso.

Creança, evoluindo, ha de ser velho um dia,
Velho, já foi creança — ou é, retrogradou.
E' ou será, mulher, teu complemento e guia.

Não vês, humano par que o amor consorciou,
Que — moço ou velho — é essa a cyclica enxovia
Em que a lei natural da vida te encerrou?

II

Não trates com desdem — jámais! — qualquer
[creança
De qualquer procedencia ou condição que seja;
Talvez que do passado embryonada esteja,
Como d'elle o por vir: — e seja uma esperança.

Quem sabe o que ali 'stá! — Pois, si atavismo ou a
[herança
Reproduz todo sêr que vive ou que viceja,
Pode ser que, evoluindo, a Humanidade eleja
Por seu orgão na especie a humilima creança.

Basta tão só que a engendre um vivo sentimento
Materno e a favoreça o *meio,* no momento
De geral-a: — e eis um santo, eis um sabio, eis um
[heróe!

Não trates com desdem — jámais! — qualquer
[creança!
— Quem sabe si amanhã o que hoje é uma esperança
Não será o por vir que o teu desdem destróe?!

III

Honra sempre a mulher de toda a idade ou estado
— Problema a resolver ou resolvido embora
Póde trazer no seio o germen de uma aurora
Ou já trouxe no ventre o fructo do passado.

Virgem — filha ou irmã — é paraizo amado
Que se póde perder e só o amor ampara;
Mulher — esposa e mãe — é — coisa inda mais rara!—
O que se não perdeu e foi accrescentado.

— Mas sempre o paraizo humano e meigo e terno,
Não queiras transmudal-o em pavoroso inferno
Depois de haver purgado iniquo desamor.

Dos dois circulos — vês? — concentricos da vida
— Um, que nos abre a porta, e outro dá sahida —
E' o centro pelo amor, do amor e para o amor.

IV

Venera e ampara, emfim, a tremula velhice.
— Velhice é mocidade extincta sinão morta:
Sulphatara que foi vulcão — e é vinho ou horta
Sombreado jardim que enflora a meninice.

E, como no balão da intima retorta
Da vida, ás vezes, reste um philtro de ledice
Que se concentra e faz com que ella revice,
Não! — velhice nem sempre é mocidade morta.

Mas é sempre "o saber só de experiencia feito"
Que amavia a existencia ou corrige um defeito
E supre o que nos falta ou fortalece a acção.

Colhe, pois, da velhice, a flor dos pomos d'oiro:
— Ella é, para o moço, um próvido thesouro
Que lhe engrandece a mente e alarga o coração.

Rio, 3-V-1912.

L'ART DE BIEN FAIRE

"Que prazeres podem exceder os do devotamento!" — CLOTILDE DE VAUX.

E tu me dizes, com sisudo accento:
"Que lucras tu com bemfazer a ingratos?".
E' que, então, nem tu vês, entre os máos tratos,
Como consola um real devotamento.

Devotar-se... alheiar o sentimento,
Pensando a alguem prover com nossos actos...
Ser a razão de ser de extremos factos...
— E' ser o Grande-Sêr, um só momento!

Que importa seja ingrato quem recebe,
Si, quem dá, fica sendo mais ricaço,
Si o coração, em dar-lhe, se compraz?

Que o bemfazer é como um vinho de Hébe:
— Eu faço o bem — não pelo bem que faço —
Mas pelo bem que o fazer bem me faz.

OS AVÓS

POR OCCASIÃO DE SER CORÔADA A ESTATUA DE JOSÉ BONIFACIO PELO BATALHÃO ACADEMICO, NO 2.º ANNO DA INCORPORAÇÃO DO PROLETARIADO ESCRAVO Á PATRIA BRASILEIRA

"Et les morts plus et plus gouvernent les vivants".

Foram grandes, de certo, aquelles que, ligados
A um dogmatismo exhausto — antropocentrico erro —
Conseguiram romper o circulo de ferro,
E dar-nos ao Porvir já quasi emancipados.

A fecunda lição dos seculos passados
Nos diz com quanto amor e soffrimento e afferro
Laboraram por nós, na Patria ou no desterro,
Os Homens da Utopia, os Grandes Condemnados.

Honra, pois, aos Avós! Vem delles — bem o sinto —,
Embora a escravidão e o rei e o artigo quinto,
Toda a luz que, hoje em dia, irrompe com fulgor.

Leguemol-a mais pura á nossa descendencia:
— Elles tinham a fé; nós temos a sciencia;
— Fizeram elles bem; façamos nós melhor.

ARTE DE SER AVÔ

ASSIM DIZIA MEU AVÔ AO SEU PRIMEIRO NETO E EU A MEUS SOBRINHOS

Escuta e segue, audaz, pelo meu trilho:
A honestidade, no homem, desde cedo,
E' como o aço polido de Toledo
Que, ao menor bafo, perde o antigo brilho.

Ah! do que serve florear, meu filho,
Lamina cuja tempera é segredo,
Si fál-a embaciar receio ou medo,
Si a florêa impudente peralvilho!

O respeito á mulher, ao velho á creança,
Ao fraco, deve ser e é lei do forte;
Que é fortaleza dar-lhes segurança

Ama a verdade e o bem. — Não tentes sorte,
Assim, na vida o bem-estar se alcança;
Assim fui eu avô! — Não temo a morte.

A AVÓ

Venturosa reliquia de um passado
Que se esbate em saudades de sol posto,
Suavissimo esguardo em suave rosto
De neve alpina esplendida toucado

Eu vos vejo, Senhora, o olhar nevoado
Mixto indisivel de tristeza e gosto,
Todo embebido, como um luar de Agosto,
Da netinha no vizo, alvo e rosado.

E sorrides, lembrando, com ternura,
Ao ver-vos reflectida em vivo espelho
A vossa infancia, buliçosa e pura.

Quando, a saia curtinha pelo joelho,
Ieis ás borboletas na espessura...
— E a bocca lhe beijaes, dando um conselho.

O VARÃO PROBO

(Sobre um velho thema de Horatio)

AO DR. FRANCISCO PORTELLA

"Vir probus ubique securam est."

O varão probo, austeramente forte,
Em toda parte e sempre está seguro;
Se, no presente, é-lhe contraria a sorte,
Terá premio nas bençãos do futuro.

Esse, não soffrerá inteira morte,
Inda que viva inteiramente obscuro:
— E', como o cedro — resistente a córte;
— E', como o aço — incoercivel, puro.

E quando, entre os andrajos da pobreza,
Morra de fome, em horrido transporte,
Ou morra de desgosto e de tristeza...

Ha de sobreviver á propria morte,
Triumphando da iniqua natureza,
O varão probo, austeramente forte.

C. F., 21-7-903.

VERA ESTATUA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Lendo sua entrevista, publicada no "Jornal do Brasil", e retribuindo a dedicatoria do soneto "A Estatua", com que me obsequiou nas suas "Canções Romanticas".

"Aere perennius."

Essa, que se ergue em bronze, duradoura
Estatua que erigiu grata saudade
A quem Familia e Patria e a Humanidade,
Servindo, honrou, com gloria immorredoura,

Tem consanguinea hereditariedade
Nas veias, que um seculo não desdoura;
Antes lhe exalça a fama porvindoura
De solidaria immortalidade.

E' que o tempo, que o bronze algo lhe oxida,
Depurou-lhe tambem a humana vida
De supposta impureza ou imperfeição.

E essa Estatua, é hoje, a fórma objectiva
Que reveste su'alma collectiva;
Como a individual seu coração.

Rio, 25-III-927.

UM HOMEM DIGNO

Elle era um coração, de todo bem formado.
Tinha a paixão do bem, do bello e da verdade.
N'um continuo labor gastara a mocidade,
Affagando, em su'alma, um sonho enamorado:

— Casar e transfundir-se em outro sêr amado;
Proliferar, como elle, em typos de bondade;
E foi buscar mulher no seio da orphandade:
Tudo — tudo! — lhe deu, de coração, bem dado!

E essa mulher... com toda a inferioridade
Ancestral, lhe trahiu a fé do amor jurado...
— Por trahir! — sem razão e sem necessidade!

Ermo deixou-lhe o lar, outróra afortunado,
E a prole — a triste prole — em misera orphandade...
— Elle... vive infeliz, mas digno e respeitado.

Rio, 913.

PALAVRAS A TEU OUVIDO

"E' indigno dos grandes corações derramar em redor de si as perturbações que sentem."

CLOTILDE DE VAUX — *Maxima Positivista.*

Si alguma vez, no curso desta vida
Tão cheia de amargura e dissabores,
Soffreres, do destino ou dos amores,
Damno que a torne ingrata ou mal soffrida,

Não recalques o aculeo na ferida
Qu'inda te sangra em lancinantes dores,
Querulando os seus intimos rigores
A quem nunca os soffreu: não crê... duvida!

Cala-os comtigo; que indiscreta queixa,
Mesmo a quem só reflexamente a sente,
Si te alivia o mal, patente o deixa.

Rir-se-ia, então, talvez, intimamente,
De quem dizêl-a a estranhos se não vexa;
— Que a dôr alheia é sempre inpertinente.

POBREZA ENVERGONHADA

Ah! não te afflijas, não! de andar, tão pobre,
Pobremente vestida. — Olha, a pobreza,
Quando alliada ao asseio e á singeleza,
Tem certo ar de austeridade nobre.

Tambem a violeta, que se encobre
Sob a relva, anda assim, por natureza:
Ah! tivesse ella a esplendida belleza
Que tens tu, violeta que o sol cobre!

Tivesse esse teu talhe, esvelto e airoso!
Como lhe iria bem, cahindo em fólhos,
O teu roupão de Oxford, amplo e onduloso...

Mas... tu choras? Sorris? Criança louca!
— Que de perolas finas nos teus olhos!
— Que de humidos rubis na tua bocca!

POBRE MÃE!

AO DR. ESPERIDIÃO DE BARROS PIMENTEL FILHO, POSITIVISTA.

Parece que não ha um Deus para os pequenos!

GOMES LEAL — *Claridades do Sul.*

E' alta, magra, inf'liz; mas nobre, mas distincta.
Eu vejo-a muita vez á porta de uma egreja;
Carrega o filho ao collo e a bocca ao filho beija
Com santo amor de mãe, amor que não se pinta.

Parece um pergaminho essa belleza extincta;
No entanto é moça ainda, o vicio inda a festeja...
Mas ella — a triste — é mãe; recusa o que não seja
A caridade, o pão para a mulher faminta...

Quando a creança chora, ella estremece. Um dia
Eu a vi dar ao filho a mama já mirrada
Que em lugar de bom leite um sangue mau vertia.

Então volveu o olhar á abobada azulada;
Chorou... E o ceu foi mudo á supplica sombria,
A'quella grande dôr, áquella dôr sagrada!

S. Paulo — 1877.

OS LAZAROS

Elles vinham de além, batidos pela fome.

Era a miseria immunda, a miseria sem nome,
Que floresce no lôdo, e, á luz meridional,
Passeia a podridão, syphilitica e immoral,
Escandalosamente ao longo das estradas
Como as fezes no esgôto e as gróssas enxurradas.

Talvez que fossem dez ou vinte ou trinta ou mais!
Contal-os dava pena: a conta pouco faz;
Mas vinham quasi nús, hediondos e chagados,
Uns a pé, coxeando e outros escanchados
Em torpes animaes, que, ao vel-os, por signal,
Dissereis sem temor tocados pelo mal.

De tudo havia ali: homem, mulher, creança.
— Era o inferno de Dante em miniatura; a alliança
De tudo quanto é grande e tudo quanto é ruim:
O sangue corrompido e o amor de seraphim,
O delta social, segundo a lei, completo
O pae, a mãe e o filho — um todo fraco e abjecto.

Elles vinham de além, trazendo em cada olhar
O soffrimento e a dôr; no entanto um riso alvar
Nevralgico, insolente, a errar de espaço a espaço,
Tinia pelo ar como se fôra d'aço.
Quando o riso cessava, enorme imprecação,
Um grito obceno, um ai, vibrava n'amplidão.

E assim foram entrando as portas da cidade,
Como quem vai tomar de assalto a caridade.

Era no mez de maio, o dia em que o senhor
Mandára á sua egreja o deus consolador,
O espirito divino em linguas azuladas
De fogo afim de instruir as gentes bem amadas,
Confirmando-as na fé. Costuma sempre dar
A Egreja nesse dia ao pobre o que jantar
Cumprindo uma só vez o que ella — sempre — havia
Ensinado a pedir: — o pão de cada dia.

E' uso aqui então, e em todo o interior,
Eleger-se entre os fiéis um rico *imperador,*
O qual, de c'rôa e sceptro, e em meio da *folia,*
Lera o *imperio* onde a chama a immensa freguezia,
Cedendo a cada um, por graça especial,
De carne e de farinha uma ração igual.
— O imperio, já se vê, é feito a custa alheia;
O povo faz a festa e o imperador... passeia!

Nisto, como no mais, o illustre imperador
Do divino é igual a el-rei-nosso-senhor.

Como subditos fiéis, a partilhar do imperio,
Elles vinham tambem; mas, tendo o ministerio
Achado ao "deos dará" o erario popular
Desta vez foi o rei... mandou-os passeiar.
Como quem manda á missa ou a plantar batatas
Remedio para a fome e para as cataratas.

Foram elles então, e em falta de melhor,
Como sob a pressão do puz rompe o tumôr,
Puzeram-se a vagar nas ruas da cidade,
Infeccionando o ambiente e armando á caridade,
A mais bella expressão do social dever
Do altruismo em acção que é a lei do Grande Sêr,
Com voz phenomenal, com voz roufenha, um mixto
De aguardente e escorbuto a murmurar: "Sum Christo".

A' PROVIDENCIAL MEMORIA

DE THOMAZ GONÇALVES DE ARAUJO

NOSSO PIEDOSO FUNDADOR

Orphãos! Sem pai nem mãe! Ao desamparo
De todo o amor, de todo o bem, de tudo
Quanto é carinho e providencia e escudo,
Contra a maldade deste mundo avaro!

Mal vimos luz e logo um grito agudo
De dôr fadou-nos o destino amaro;
Sem lar, sem pão, sem roupa — e nem um claro
Sorriso maternal no ambiente mudo!

E, tendo entrado á vida pela estreita
Porta da "roda" viva da pobreza,
Donde a vergonha ou a morte nos espreita,

Não chegáramos nós a nossa idade,
Sem esta succursal da Natureza
Que nos serve de Mãe, Pai da Orphandade!

A ESCOLA

(AO DR. A. DE SOUZA PINTO — POSITIVISTA)

La Revolution a deposé le glaive:
Comme Charlemagne autrefois,
Sur les bancs de l'ecole elle est assise et rêve.
Resignez-vous, prêtres et rois!

HYPPOLITE STUPUY — *l'Anarchie morale.*

"Luz! mais luz!" bradava o Gœthe moribundo.
"Luz! mais luz!" digo eu a ti, homem moderno,
Si queres esmagar o preconceito eterno,
Matar a ignorancia, arcar com o vicio immundo.

No inferno social ha um pélago profundo!
No pélago infinito ainda existe o inferno!
Pois bem: ide buscar a creança ao lar paterno;
Mandai-a á escola; — a escola ha de salvar o mundo.

Que o mestre seja sabio, honesto e virtuoso;
Que ensine livremente o que souber; que os sexos
Aprendam um com o outro a sciencia em vez de gôzo.

Homem, mulher, vós sois uns entes bons, reflexos!
Que a escola arranque ao berço o erro e o mal: — ditoso
O mundo rolará então sobre seus eixos.

S. Paulo — 1876.

A TRAGEDIA PATHOLOGICA

NO 1.º CENTENARIO DE HENRICK IBSEN, O SHAKSPEARE SCANDINAVO.

Ao perspicuo alienista broussaiano da Assistencia Geral a Psychopatas do Rio de Janeiro, Jefferson de Lemos, com escala pelo seu eminente diretor, o pasteurista Juliano Moreira.

"Oh! le revenant..."
"Olha... o duende!"

IBSEN — *Os espectros.*

Ibsen! Gran-psychopatha scandinavo,
Que, observando a geral paralysia
Intima, a oswaldiaste á luz do dia,
Desde o marasmo ao cerebral aggravo.

Mas lhe não foi Oswaldo unico escravo;
Foi Solness tambem, que idéado havia
Templo que habite humano deus que o cria...
— E ruio, como um grave, o espectro pravo!

E' que — homem Deus — fizeste-o á tua imagem,
Revestindo-o da trágica roupagem
Que d'Eschylo envoluio a Shakespeare.

— E viveste-o pathologicamente,
Em dialogada clinica, emergente
Da noite cerebral que ourou Rei Léar!

RADIOPHRITE

AO STOICO E HUMANITARIO CIRURGIÃO ALVARO ALVIM

Quæ ferrum non sanat, ea ignis sanat; quæ ignis non sanat, ea medicamenta sanant; quæ medicamenta non sanant; insanabile exestimatur opportes.

HIPPOCRATIS APHORISMUS.

Vão amputar-te a mão, déstra e indefeza:
— Hippocratica mão humanitaria
Que, manejando o radio, temeraria,
Do proprio radio é incidiosa prêza.

O que ferro não sana, com certeza
Sana o término-cauterio, porém varia
E astuta é a acção do radio, que, nefaria,
Mata quem cura, a mão não tendo illesa.

Mas é sublime o stoico sacrificio
De quem professa a sciencia humanamente
E eleva o amor á sciencia ao proprio exicio!

Faz lembrar este caso que me occorre:
— Do cirurgião que, por salvar um doente,
Collando á bocca abcesso, o salva... e morre!

SUPREMA DOR

Dizes que soffres... Creio. — O soffrimento,
Como secreta lamina assassina,
E' corrosivo mal que a alma latina
Vai solapando, hereditario e lento...

Mas nunca padeceste, um só momento,
A tortura idéal, que me allucina,
De amar ainda, quando o amor declina,
Ou de pensar, si é tardo o pensamento!

E ter da vida envenenado a fonte,
Sem ter bemfeito o que me foi bemquisto,
Sem bemfazer quanto ideára a fronte!

E ter amado cedo, como Christo,
Ou tarde haver penado como Comte:
— Isto é que é dôr! A dôr suprema é isto!

NA FESTA DOS MORTOS

"Et les morts plus et plus gouvernent les vivants."

Silencio! Vai passar-se um drama augusto. — A
[Historia
Abre o seio fecundo, e a critica moderna
Arranca á escuridão da noite sempiterna
O culto dos avós, cheios de immensa gloria.

Não! não finda na campa a vida transitoria
Nem tão pouco começa alli a vida eterna:
Si a lei da evolução em tudo nos governa,
A lei da filiação faz-nos viver na Historia.

Tudo o que o homem pensa e age, arte ou sciencia,
Desde as leis da attracção ás leis da consciencia,
Transmitte gradualmente a sêres successivos;

E assim é que, por lei da continuidade,
Solidaria, o que foi, será a Humanidade,
— E os mortos, mais e mais, governam sempre os vivos.

NA MORTE DO DR. GEORGES AUDIFFRENT

Medico, fiel discipulo e ultimo executor testamenteiro de Augusto Comte.

AOS CO-RELIGIONARIOS ESPARSOS SOBRE O PLANETA

> "Eu sou agora — e é pena — entre quantos medicos se dizem positivistas, o que se inspira num Mestre venerado".
>
> G. AUDIFFRENT — Topico de uma carta sobre a *"Medicina Psychica"*.

Tu, que, amorosamente, no teu seio
Recolheste, integral, a sã doutrina
Do Mestre, sobre a humana medicina;
E lhe exploraste, sabiamente, o veio

Contra o academicismo que domina
E o Voltaireanismo do teu meio;
— Volve ao Planeta, em paz e sem receio:
A Humanidade te será benina.

Quem, como tu, gastou a vida inteira,
Propagando-lhe a obra em obra prima,
E, em cada livro, a propria estatua abeira,

Póde pousar a fronte, sem que o opprima,
No coração, á hora derradeira,
Da Virgem-Mãe, que o pedestal lhe encima.

NA COMMUNHÃO DOS MORTOS

(Monologo de um vivo)

AO AMIGO E CONFRADE J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

Eu não venho turbar as reacções da morte,
Eu — coração que ama; eu — cerebro que pensa.
Fecunda, oh Natureza! essa retorta immensa:
Qu'irás tu engendrar? Um novo sêr mais forte?

Mas quando vos contemplo, anonyma cohorte
De heróes que haveis tombado, unidos pela crença,
Solidarios na acção, sem outra recompensa
Dos homens mais que o olvido... eu lhes lastimo a [sorte.

E a vós, cuja grandesa humildemente imploro;
Cuja humildade amei; cuja fraquesa (emquanto
Um só forte opprimil-a, hei de a exalçar) adoro;

Que tanto haveis soffrido e haveis amado tanto:
Eu que amo, eu que soffro, eu que humilhado choro,
Eu vos venho chorar, quanto é devido, e... canto!

Rio, 31 de Dezembro de 1886.

Viuvês Etérna

Quadro a óleo de Eduardo de Sá
Paris — 1908.

SUBJECTIVA VIUVEZ ETERNA

A uma noiva pela morte de seu noivo, nas vesperas de seu casamento.

Isto é amor e d'esse amor se vive;
Isto é amor e d'esse amor se morre!

GONÇALVES DIAS — *Canticos.*

Dessa grinalda, em que a botão de rosa
Ias prendendo a flor da laranjeira,
Como a um sonho a illusão mais feiticeira...
Que resta já? — Recordação saudosa!

Ai, miseranda moça descuidosa,
Que amaste um dia pela vida inteira,
E... embalas um cadaver, á primeira
Jura de amor, em viuvez chorosa...

... — E eterna! — que este amor que sobrevive
Ao bem-amado e a tudo quanto ocorre
Sem nada mais haver que o objective...

Basta a si mesmo e a nada mais recorre:
— "Isto é amor e desse amor se vive!"
— "Isto é amor e desse amor se morre!"

112-1900.

SOBRE A MORTE DE D. HELOISA

(A MONTENEGRO CORDEIRO)

> Oh! nostra vita, ch'è si bella in vista,
> Com perde agevolmente in un mattino
> Quel ch'en molt'anni a gran pena s'acquista!
>
> PETRARCA — *Rime.*

Se ainda um pensamento angustioso
D'amor, "que move o sol e outras estrellas",
Te punge á só idéa de não vêl-as
Num meigo olhar dos seus, brando e piedoso;

A ti, que a amaste tanto, amado esposo,
A quem muito melhor fôra não têl-as,
Tantas consolações, do que perdêl-as
E recordal-as, pallido e choroso:

Desce o sombrio manto da tristeza;
Exulta, irmão! — Bem sabes que ella, agora,
Triumpha dos grilhões da natureza;

E mais bella, e mais pura, astro d'aurora,
Guia-te o passo á sublimada empreza
De bem servir o Sêr, que hoje a encorpora.

NA MORTE DA CORRELIGIONARIA MISS MARY CROMPTON

Victima innoxia de psychiatrica tragedia em Liverpool.
Ao co-religionario Armando Esteves.

Tu passavas na vida mal cuidosa,
Fazendo o bem no amor da Humanidade;
Eras um proto-typo de bondade
E da veneração mais respeitosa.

Na apegada familia, sem vaidade;
No trato social, nada orgulhosa:
Eras a viva imagem virtuosa
Da patricia normal, em nossa idade.

Que mal fizeste, pois, para quêdar-te
Victima de tantissima maldade?
— E' que reina a loucura em toda parte!

E' que a loucura fere, sem piedade,
O bom e o máo, sem nada haver que a farte!
E, em ti, feriu, de um golpe, a Humanidade.

IN AETERNUM

Na transformação objectiva da Veneranda Matrona Brasileira
D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães
(Viuva Benjamin Constant)

DISCRETA CONFIDENTE DA TRIUMPHANTE INCONFIDENCIA REPUBLICANA DE 1889

Para a cerimonia sociolatrica do Club Militar

Tu se' colei che l'umana natura
Nobilitaste sí, che'l suo Fattore
Non disdegnò di farsi sua fattura.
Nel ventre tuo si raccese l'amore,
Per lo cui caldo nell' eterna pace
Cosi è germinato questo fiore.

DANTE — *Paradiso*, XXXIII.

Quaes, pelo Amor, unidos sempre em vida,
Ligados pela Fé, vivem na morte!
— Salve, Varão sem pecha e Mulher forte,
Que honraes a humana especie redimida!

Quando, no lar e n'um só corpo, a sorte
Os conjugou — dupla alma enternecida —
Desdobraram-se em prole bem nascida
— E se amaram, amando-a, com transporte.

Mas, quando a Patria o amado esposo espósa
E, heroico, enférma em campo de batalha,
Eil-a que accorre a lhe salvar a vida

Para que, a 15 de Novembro, anciosa,
Nos désse esta bandeira... — por mortalha
Que a Patria ha de envolver, si fôr trahida!

ETERNIDADE SUBJECTIVA

Na transformação objectiva de Ritoca

GRINALDA DE SAUDADE NA SEPULTURA

A' sua mamãe *Mariquinhas Meyrelles,* seu irmão *Nhônhô Meyrelles,* e seu esposo *Manola Barbosa.*

"Viver em outrem, de outrem e para outrem."

Em lyrico delirio da ventura
De amar e ser amada, á omnipotencia,
Passou pelas arestas da existencia
Sem lacerar a vida austera e pura.

E' que, disciplinando a contingencia
Humana, alliára ao apêgo alma ternura;
E, assim, tranzio da infancia á adolescencia,
Do berço ao gyneceu e á sepultura.

Agora... eil-a que ascende á eterna edade.
— E, emquanto volve á "Nossa Mãe Antiga",
Para uns, quanto lhe houvera de beldade...

E outros a vêem "fluir" na immensidade...
Eu a estou vendo, em minha mente amiga,
Num halo immorredouro de saudade.

Rio, 23-2-1924.

SUBJECTIVA DOR REFLEXA

AO CO-RELIGIONARIO E AMIGO SILVIO VIEIRA SOUTO

Cartão de pezames pela dolorosa e prematura transformação subjectiva de sua idolatrada irmã,
Sra. Antonietta Vieira Souto Lago

Tutti torniamo alla Gran-Madre Antica.

PETRARCA.

Per revenire alla Gran-Madre Umana.

GENERINO.

Silvio, eu compartilho, emocionado,
Tua fraterna dôr, reflexamente.
Porém, por que chorar quem 'stá presente
Em todo coração que a tenha amado?

Partiu — para esse "além", alchimiado,
Donde só volta transformada a gente
Num outro sêr, mais puro, e idealmente:
— Morta? Não! Não morreu: mudou de estado.

Subjectivou-se. — E vive em cada mente,
Como outr'ora em continua realidade,
De quem, por quem e para quem, contente,

Vivêra com apêgo e com bondade.
— De seio maternal mudou sómente:
Chamou-se Antonietta? — Hoje é Saudade.

Rio, 9 de Dante de 139-73 — 24 de Julho de 1927.

NA MORTE DE OSCAR DO NASCIMENTO

A seu amigo Eduardo de Sá

CARTÃO DE PEZAMES

"Consola-me... conforta-me..."
Suas ultimas palavras.

Elle era: mais que um'alma bem nascida,
— Um'alma pelo bem apaixonada;
Templario desta nova e sã Cruzada
Que prega a Humana Fé com a austera vida.

E, si nem sempre calma e reflectida
Foi-lhe a acção corajosa e abnegada,
Como bem sóe a um'alma equilibrada,
— E' que o ardor social fêl-a insoffrida.

Tinha, porém, o agudo entendimento
De um grande coração posto ao serviço,
— Por ministro de um grande sentimento,

Tão grande que, inda morto, nem por isso
De todo se apagou no esquecimento:
— Antes, ora ideal, cobrou mais viço.

113-1901.

NA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DO MEDICO PHYSIOLOGISTA FERNANDO ALBERTO VIEIRA DE LEMOS

Este, que vai baixando á sepultura
A transformar-se em póstera saudade,
"Homem bom" foi dos que pristina idade
Nos legou para genese futura.

E, assim, desde a primeira mocidade,
Sêr convergente, humana creatura,
Amando a medicina e a liberdade,
Votou-se ao bem-fazer, na vida obscura.

Mas, em leiva fertilima plantada,
Germinou-lhe a semente aprimorada
Prole, que bem lhe diz, porque é verdade:

"Pai tu que foste filho do teu filho,
Revive nelle, e nelle, com mais brilho,
Na Filha do seu Filho — a Humanidade!

IGNOTO MARTE

NA SEPULTURA DE UM SOLDADO DESCONHECIDO, POR OCCASIÃO DE SER TRASLADADO O SEU CORPO PARA O MOSTEIRO DA BATALHA, EM LEIRIA, VIA LISBÔA

"Habent sua fata verba"
Et s'il n'y serait qu'un, il serait celui là"

VICTOR HUGO (*Appliqué*).

N'esta anonyma e regia sepultura,
Jaz um ignoto heróe, jámais vencido!
A morte o eliminou, sem um gemido,
Que não geme, ao morrer, marcial bravura!

Quando, no Lys, teutonica kultura,
A ferro e fogo, em gazes envolvido,
Luso sector cuidou haver rompido...
— Um por todos — morreu. — E, eterno, dura!

Mas o Lacio deteve a onda tedesca...
E, hoje, aqui vem, sem distincção de casta,
Render-lhe culto á sepultura fresca...

E, exigua sepultura, como és vasta!
— Contens de Lysia a "Fról Cavalleiresca."
Que importa um nome? — E' o Heroismo! — E basta.

NA DOBRA DO CAMINHO...

Si eu tivesse, na vida, um só instante
D'intima paz, sem par contentamento,
Que me proporcionasse ao sentimento
Quanto deseja um coração amante;

Si o meu já fatigado entendimento
Azas houvesse geniaes do Dante
Para cantar esse ideal distante
Que é todo meu enlevo e meu tormento,

Outra seria a nota soberana
D'esta lyra, sincera e verdadeira,
Que, ás vezes, d'arte e sciencia se engalana;

Eu cantaria, em rima alviçareira,
Pelo alto molde da Epopéia Humana,
A Epopéia da Patria Brasileira!

PELA PATRIA

AOS GRANDES MORTOS

Obreiro desta Patria Brasileira,
Que inda espera um Danton para architecto,
Eu vos venho render do meu affecto
A gratidão sincera e verdadeira.

Vós que, fundindo em progressiva e ordeira
Raça social o indio, o branco e o preto,
Depois da Independencia, por decreto,
Puzestes cobro á exploração negreira;

E, onde existira um throno corrompido,
A' luz de sociologica doutrina
Republica incruenta haveis erguido:

Grandes mortos! guiai-nos, redivivos,
Ao regimen final que o Mestre ensina,
— Pois que os mortos governam sempre os vivos.

JOSÉ DE ANCHIETA

O Apostolo do Novo Mundo

Soneto commemorativo do tri-centenario de sua morte

Sœpius optavi, Domino inspirante, dolores,
Duraque cum ipso funere vincla pati.
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam.

José de Anchieta.

Quando o sopro da fé, transpondo os mares
N'aza errante de incerta caravela,
Nos trouxe — luz ideal que se revela —
A "legenda da cruz" para os Palmares;

Viva estrella polar, lucida estrella
Que emergisse de uns habitos talares,
Como em nimbo de mysticos scismares
O "Apostolo-tupy"... surgiu com ella.

E então, por toda a selva — ambroseo hymno
De amor — ouviu-se a voz do grande asceta
A pregar de um só Deus ao feitichista!

— De um Deus de amor, que as almas só conquista
Quando, em seu nome, falla — orgão divino —
Humano coração como o de Anchieta.

109-1897.

ANCHIETA

Monumento — Fundação de São Paulo
Projéto de Eduardo de Sá
Paris — 1909.

LIBERTANDO

A SOCIEDADE ABOLICIONISTA CEARENSE EM NOME DA CONFRATERNIDADE PERNAMBUCANA

"La liberté ne se donne pas, elle se prend."

ALFONSO ESQUIROS — *Os Martyres da Liberdade.*

E' assim que se honra a Patria e a Humanidade:
Indo ao lar, arrancando á escravidão a creança,
Libertando o adulto, e audaz, co'a segurança
Que só o dever produz, trazendo-o á sociedade.

Que o escravisou, e após dizendo-lhe: "Descança;
A *fera* já não vive; o escravo — a propriedade
Humana — se extinguiu; — transpondo, a media idade
Morreu servo da gleba: este é o homem. Lança

Por terra esse mesquinho e erroneo preconceito.
Ensina, educa, instrue, liberta, e o escravo ha de
Tornar-se evoluindo um cidadão perfeito.

Basta só no dever fundar-lhe a liberdade
E ter-lhe-has formado a idéa do direito:
— E' assim que se honra a Patria e a Humanidade."

A TERRA

AOS GRANDES HEROES DA AGRICULTURA, AOS SUBLIMES CONDEMNADOS QUE REGAM A TERRA COM O SUOR DO SEU ROSTO, ESTES FRAGMENTOS DE UM HYMNO

Laboure et sème! Qui sème
avec pureté accomplit toute la Loi...
Celui qui donne à la Terre du grain fort
est aussi grand que s'il avait fait dix
mille sacrifices. La justice est née du sillon.

MICHELET — *Bible de L'Humanité.*

Cavai a terra audaz, continuamente,
Cavai-a com amor e com carinho;
"A terra tem direitos á semente,"
Como ao ar e ao alimento o passarinho.

Homens do campo, a terra é a independencia,
Liberdade o trabalho e a industria sciencia.

Ella é boa e fecunda, e casta, e pura:
— Justiça á terra que inda espera a messe!
Lembrai-vos que o futuro é a agricultura:
"Inculta ella maldiz, culta agradece."

Homens do campo, á enchada ou á charrúa!
Bemdicto o braço que cavando sua.

Tudo, tudo o que existe no universo,
Ou provém da mulher, ou vem da terra;
A mulher pelo amor dá-nos o berço,
A terra pelo esforço o quanto encerra.

Homens do campo, ide, abri-lhe um fosso,
Nelle existe um thesouro é vosso! é vosso!

A terra é nossa mãe; nós lhe devemos
Amor e gratidão: é força honra-la.
Quando ella nos diz sequiosa: "amemos",
Devemos com o suor sempre rega-la.

Homens do campo, a terra é a felicidade,
Porque ella é pura e isenta de maldade.

Mas a terra quer paz; é só com a ordem
Que floresce o progesso sobre a terra:
E, pois, que os vossos corações se accordem,
Amai-vos uns aos outros — guerra á guerra!

Homens do campo, o sangue derramado
Não fecunda; — deshonra o solo amado.

O sangue é a vida, e a vida toda inteira
Deveis votar-lhe como eterna prece:
— O trabalho é a oração mais verdadeira,
Que á mãe commum exalça a humana especie.

Homens do campo, trabalhai unidos,
— Vencedores sereis, nunca vencidos.

S. Paulo — 1876.

ORANDO

NO LIVRO INTIMO DA POETISA FRANCISCA IZIDORA

Calou-se o esvosear noturno da "fazenda"
A senzala êrma está. Dorme o "engenho", inda quente,
Junto ao cannavial que esfólha docemente,
N'um sussuro orchestral, mysteriosa lenda...

A' porta secular da casa de vivenda,
Resomna um cão de guarda, arfando brandamente,
Ouve-se, espaço a espaço, um silvo de serpente,
A matta borborinha... Escuridão tremenda!

Quem quer que olhar, porém, pela porta entre-
[aberta
D'alcova virginal, verá — e a vista encanta! —
A esplendida sinhá que ainda está desperta.

Ora — e sonha talvez — de um Christo á eburnea
[planta...
— E a mucama, que a vê de lagrimas coberta,
Murmura, a se esgeirar: "Sinhasinha é uma santa!"

A UM PROLETARIO ESCRAVO

NO DIA DE SUA ENCORPORAÇÃO AO PROLETARIADO LIVRE A ESFORÇOS DO CENTRO POSITIVISTA

Irmão! dize, já livre, a teus irmãos que os fracos
Terão no Grande Sêr a protecção dos fortes;
E que, se fôr mister para os remir mil mortes,
Um Mario ha de surgir das cinzas destes Gracchos.

Elle trará o exemplo e o gladio de Spartacus
De Toussaint Louverture ás viridas cohortes;
E, a Lincoln pedindo altruisticos transportes,
— Hercule — ha de esmagar o escravocrata —
[Cacus —

Porque, se a escravidão — que é o vencedor que
[opprime
O vencido poupando-o — é mal que se supporte,
Matar escravisando é o mais hediondo crime;

Tão grande, que é mister, para o punir sem morte,
Toda a dedicação, que um grande amor exprime;
Toda a veneração que o fraco deve ao forte.

A VICTIMA

Quinto acto de uma tragedia juridica

NO TEMPO DA ESCRAVIDÃO

Chegou. Subio, tremendo, ao pelourinho. Em roda,
Ondula a multidão, que tem, d'um modo igual,
Apupos para o bem e applausos para o mal;
Que assiste á execução, como a espectaculo em moda.

Era um negro. Despio, primeiro, a roupa toda.
Depois, poz-se a chorar. O algoz, negro e boçal,
Com riso alvar, estava a espera do signal.
Leo-se a sentença ao réo, que a multidão apóda.

—

E então... começa o algoz o seu mister maldicto:
— A cada açoite, um talho! A cada talho, um grito!
E a victima tombou, sangrando, contrafeita.

"Que isto sirva de exemplo a todo máo escravo,
Que affrontar seu senhor." — Um dentre elles: —
["Bravo!"
E o juiz: "Lavre-se o auto; a Lei 'stá satisfeita.

O TRABALHO

(AO DR. J. PEREIRA DO LAGO JUNIOR — POSITIVISTA)

Sê puro para ser forte, sê forte para ser creador.

MICHELET, *Bible de l'Humanité.*

Trabalhar! Progredir! penna, estylete ou malho,
E' fecundo o suor que cae da fronte; o esforço
Que rasga o seio á terra e ao firmamento o dorso,
E descobre um planeta e arranca-lhe um carvalho.

O mineiro que extrahe a gemma do cascalho,
O *coolie* que ara o campo, o inglez que faz o corso,
Lutando pela vida, izentos de remorso,
A paz da consciencia encontram no trabalho.

Bem como a cohesão e a porosidade,
E' uma lei da materia a lei da actividade,
Sem a qual não existe a lei da progressão.

Progredir é viver, viver fazer-se forte;
O forte vence o fraco, a vida exclue a morte:
— Quem trabalha e progride é forte, é nobre e são!

S. Paulo — 1876.

CONTRADICÇÕES JURIDICAS

O TEU DIREITO E O MEU DEVER

(AUGUSTO COMTE VERSUS VON IERING)

Ao consagrado Sr. Clovis Bevilaqua, auctor do projectado Codigo Civil Brasileiro

A' l'orageuse discussion des droits, nous substitutions la paisible determination des devoirs. *"La soumission est la base du perfectionnement"*.

AUGUSTE COMTE.

Andas sempre a dizer do meu Direito...
E — sempre! — eu o vejo sempre postergado!
— E', pois, mister que eu seja um potentado,
Para que o exerça com real proveito?

Eu sou, como és, um sêr moralisado:
— Trabalho e, todo o bem que posso, hei feito.
E vivo mal; tu vives satisfeito.
Que é, pois, o meu Direito? — Um postulado!

X da equação entre o organismo e o meio?
— Varia o que constante deve ser:
A vida! — Em teu Direito o egoismo leio...

E' o egoismo em acção: *quer* e *ha de ter*,
Pouco importando o bem-estar alheio...
— Eu prefiro cumprir o meu dever.

O PRECONCEITO

(AO DR. MALAQUIAS GONÇALVES — MEDICO POSITIVISTA)

Je suis ton père.

GUSTAVE FLAUBERT.

Elle é velho, ocioso, estupido e banal.
Amando o *statu quo* e odiando as cousas sérias
Que vão de encontro ao erro, aos vicios, ás miserias,
Que alimenta e conduz na gruta cerebral.

Não sabe distinguir — idiota — o bem do mal:
Ama a Deus, ama aos reis, ama ao algoz. Prefere-as,
A's cousas novas, sans, — as velhas, deleterias;
Tem olhos de toupeira e instincto de chacal.

E' um cancro universal; eu vejo-o em toda parte.
Habita o lar e o templo, a consciencia e o peito.
Está na lei, — destróe; na opinião, — reparte.

Todos dizem: que morra! — e vive satisfeito.
Não ha insensatez nem podridão que o farte;
Sómente a sciencia diz — matae o preconceito.

S. Paulo — 1877.

IDÉA MATER

Não raro, mesmo em cerebro inda inculto,
Onde o amor disciplina o entendimento,
Servindo-lhe de estimulo e alimento,
Rompe uma idéa como incendio occulto.

Rompe e logo se ateia e toma vulto,
E cresce e sobe e vai, como aza ao vento,
Não sei por que fatal consentimento,
Ganhando espaço, instituindo um culto.

Penetra os corações, prende e fecunda
As almas, que religa á sociedade
Em solidaria acção, que a faz profunda.

E' força social que tudo invade:
Funda religiões, regimen funda,
E já fundou até a Humanidade!

A REPUBLICA

De certo! Ella ha de vir! Quando a sciencia um dia,
Sob a acção da moral, disciplinando o direito
Humano, houver descripto um circulo perfeito,
Então ella virá, — que é morta a Monarchia.

E, eliminando, a um tempo, o Deus da Theologia,
Como da razão pura o inocuo preconceito,
A sciencia social installará, de feito,
O reinado final da Sociocracia.

Resta-nos, pois, guiar-lhe o luminoso accesso,
De modo a harmonisar a ordem com o progresso:
Como? — Disciplinando as forças sociaes;

Baseando o poder na continuidade;
Na sociologia a lei; e a liberdade,
No dever: religando a vida — e nada mais.

HYMNO A' PAZ

Das ruinas fumegantes do Occidente
Por onde o corsel d'Atilla passou,
Fatal como cyclone comburente,
Ergue-se a Paz. A Paz já despontou!

Avè Paz! Doce Paz! Sol redemptor
Que vens de novo fecundar a Terra!
— Que nunca mais a esterilise a guerra:
Sê, Paz! — paz de concordia e paz de amor!

Por que ha de o egoismo do homem da caverna
Devorar o altruismo productor;
Que o libertou da natureza externa,
Fazendo-o internamente bem melhor!

Sem elle, o instincto militar guerreiro
Não teria vingado e sido o que é:
Porque o esmagar, se é progressivo e ordeiro?
Porque punil-o, se alargou-lhe a fé?

Houve um tempo em que a luta pela vida
Era da propria vida condição;
E a guerra — hedionda guerra fratricida —
Razão de ser dos povos. Hoje, não!

Salamina e Lepanto foram termos
Da sua necessaria progressão:
Só podem, hoje, cerebros enfermos,
Fazel-a contra a humana evolução.

Hoje, que o instincto militar guerreiro
Converteu-se em regime industrial;
Guerra é crime; soldado é desordeiro,
Si não exerce funcção policial.

Hoje, que a industria, feita d'Arte e Sciencia,
Visa o Planeta Humano conquistar,
Só concurso real pela existencia
Póde a existencia Humana contentar.

Fecunda Mãe, Mãe generosa, a Terra
Dá tudo a quem produz, a quem quer bem
Por que, pois, ha de um povo fazer guerra
Para se apoderar do que outro tem?

Cesse, pois, o dominio da caserna
Que o da Industria, ao ar livre, é bem melhor;
Só hoje a Humanidade é que governa;
Se quem governa, hoje, é a lei do amor!

Que os corações, em plena actividade,
Se unam todos para um labor commum,
E venha, da geral felicidade,
O bem estar feliz de cada um.

Para esse fim, pois, invicto Marte,
Desarmemos... o instincto deshumano,
Regenerando a Industria pela a Arte,
A arte pelo bem sobrehumano.

Funde-se a Humanidade, sobre as gentes,
Que mais do que "um por todos, todos por um"
E' o conjuncto de seres convergentes
Por um destino que lhes é commum.

NO AMARAMENTO DE UMA BANDEIRA

AO CO-RELIGIONARIO AMIGO LUIZ B. HORTA BARBOSA

"E' vezo, na Armada Brasileira, para que os forre de quaes insultos physicos ou moraes, da intemperie ou da intemperança, sepultar no fundo coração da Guanabara os restos immortaes dos seus envelhecidos auri-verdes pavilhões constellados." — *Trad. Oral.*

Como bom veterano que, esgotado,
Armas velando, houvesse a vida inteira;
E, quasi extincto, e quasi anniquillado,
Pedisse paz para a immortal canceira:

Depois de, ao mundo, teres desdobrado,
Por mar e céos, tua legenda ordeira,
Te amortalhas nas dobras do passado,
Para a mesma surgir n'outra bandeira.

E, porque se resguarde a magestade
Da Patria em teu celeste emblema humano,
Na Guanabara — equorea immensidade —

Vai amarar-te o rude marinheiro;
Pois só a urna do Atlantico Oceano
Póde guardar a imagem do Cruzeiro.

LENDO CONDORCET

(ARTE DE APRENDER A CONTAR)

Amor da Patria! Amor da Humanidade!
Que immortalisas, sem morrer, quem morre!
Eu te contemplo, absôrto, em quanto occorre!
— Só tu vives por toda a Eternidade!

Tendo composto o "Quadro", em que percorre
Todo o "Progresso Humano", em sua idade,
Arrisca a vida em prol da liberdade
E Condorcet á guilhotina corre!

E, emquanto espera a morte, como um justo,
Em vez de revolver-se n'anciedade
De pavoroso leito de Procusto,

Ensina, dos umbráes da Eternidade,
A Arte de aprender, sem muito custo,
A contar, do Futuro á mocidade!

Rio, 1-IV-09.

O COMEÇO DO FIM...

A REIS CARVALHO

Em politica, os phenomenos sociaes não obstante sua complexidade crescente, são tão susceptiveis de previsão como os astronomicos em nautica.

"Saber para prever, afim de prover"

AUG. COMTE.

Das bandas do Occidente afogueado,
Rumor de tempestade se avisinha:
Ainda é a "Grande Crise" que caminha
Com a força veloz motora do passado.

E' a avalanche do "Terceiro-Estado"
Que a Bastilha do Caucaso detinha
E afoga em sangue a encarniçada rinha
Entre o burguez e o proletariado.

E a lucta secular não tem limite.
A' eletrosão responde a dynamite;
A' iniquidade, a greve universal.

"Morte ao burguez!" — propaga o anarchismo —
Troveja o burguez: "Morte ao communismo!"
Quem viverá? — A revolução social.

ALEA JACTA EST!...

Celebres palavras de Cesar, por muito tempo hesitante, antes de tomar a arrojada e importantissima decisão de — contra expressa disposição legal, transpôr, com suas hostes, o Rubicon.

PARA O CO-RELIGIONARIO PEDROSO SOUTO

Vão electrocutar dois anarchistas
Por delicto commum, não comprovado!
Protesta o mundo inteiro ultra indignado.
Contam-se, por milhares já, grevistas.

Mas, por que? Por que, então? — "São commu-
[nistas"!
Brada o burguez, egoistamente ordeiro,
Que enriquecêra á custa só do obreiro.
Cala-se o "Duce", applaudem-n'o "fascistas"...

"Et alea jacta est!", sem limite,
Entre a electricidade e a dynamite:
Chegou a vez de Abel contra Caim?

Boston é americano Seravejo?
Dois anarchistas, principe manchego?
Este, o momento inicial do fim?

Rio, 10-VIII-927.

PEDRA QUE ROLA...

PARA OS "CAMARADAS" JOSÉ OITICICA E FABIO LUZ, MEUS FUTUROS CO-RELIGIONARIOS.

"Organisar sem Deus nem Rei"
TURGOT.

Pelo ascendente da Religião da Humanidade.
AUGUSTO COMTE.

Vem rolando do cimo derrocado
De "Oitenta-e-Nove" a "pedra da Anarchia"
Que, eliminando o clero e a fidalguia,
Deixou, em Paris de pé, o "Terceiro-estado".

Mas o "Terceiro" era: — o Proletariado
Faminto e era a opulenta burguezia,
Que, recolhendo a herança do passado,
O tyrannisa e esmaga, inda hoje em dia!

E a pedra, a rolar, se fez Socialismo,
Em "Quarenta e Oito"; e, traspassando a Russia,
Até "Noventa e seis", funda o Nihilismo,

Que é, hoje, Bolchevismo, é Sovietismo.
Quem poderá detel-a? A força? A astucia
— Humanisando-a — só o Positivismo.

Rio, 1-III-927.

LIBERTAS QUAE SERA TAMEN...

Oh! não! Essa que em sangue generoso,
Não sangue de trahidor nem de bastardo,
Plantaste junto a forca, como um cardo
Que rompe á luz do sol, rubro e espinhoso;

Essa, por quem, modesto e melindroso,
Luctára Benjamin, como um Bayardo,
Contra a calumnia vil, — o vil moscardo
Que morde... o proprio ferro venenoso:

Ruja embora a paixão mais desvairada
Em coração mais negro e tenebroso
Que um coração de loba esfomeada...

Mata-a — Não morrerá. Facto assombroso!
Ella vive em nossa alma enraizada,
Como um cardo: — arrancal-a... é perigoso.

NO PEDESTAL DA ESTATUA DE CASTRO ALVES

Depõe emotivamente estes sonetos (um triptyco), que dizem saudades da nossa vida academica no Recife e recitou, ao se lhe inaugurar a herma, artisticamente lavrada pelo esculptor Eduardo de Sá, no antigo "Passeio Publico" do Rio de Janeiro, em 7 de Setembro de 1913, o seu velho companheiro retardatario — GENERINO.

Sob a égide da Academia Bahiana de Lettras, que a fez erigir, e com a graciosa interferencia do legista José Pires Brandão e do tribuno popular ex-deputado João Augusto Neiva.

CASTRO ALVES

(Cantando na lira africana)
Herma em bronze, de Ed. de Sá
Rio de Janeiro — 1913

1.º

EXCELSIOR !

E's bem tu mesmo, Poeta d' "Os Escravos"!
E's bem tu mesmo, genial Cecéo!
Qu'inda vibras a "lyra dos dois bravos
Que a "Paulo Affonso", em vórtices, sorveo!"

Não mais te pungem lybicos aggravos
Com que um "Navio" a Patria ennegreceo...
Nem da "Inconfidencia" os regios travos
Que tranziram Marilia e o teu "Dircêo".

Ora te embala a rêde dos amores
Que "Jasmineiro em flôr" cobriu de flôres
E a gratidão da Patria suspendeo

No pedestal d'est'herma triumphante.
— Vieste em frol d' "Espuma fluctuante"...
E eterno vives, genial Cecéo!

2.º

A CAVALGADA DOS MORTOS

D'aquelle ninho d'aguias e condores
Que se chamou "Outeiro do Recife",
Donde partiam versos vingadores,
Como pelouros d'un castello d'If...

Que mais resta, Cecéo? — Pelo arrecife
Negros corséis galopam nitridores,
Conduzindo, entre lagrimas e flôres,
Dos nossos mortos o funereo esquife!

E quantos lá se vão! Maciel, Siqueira,
Tobias, Plinio, os Guimarães, Varella
Celso, Palhares, Carvalhal... vês bem?

E, dessa "Cavalgada Condoreira",
Só tua lyra em herma se constella
Para dizer-me e aos que hão de vir: "Além"!

3.º

COUP D'ÉTRIER

Ultimo abencerragem d'essa idade
Que, até hoje, em ti vive e se resume,
Venho avivar, no teu, o extincto lume
Da minha extincta e morta mocidade.

Eil-o aqui, n'este arábico perfume
— Tão grato á tua oriental vaidade! —
Que se exalça e condensa e envolve o "Nume
Do Romantismo" em ondas de saudade.

Mas o nosso idéal da Patria livre,
Livre do escravo e livre de um tyranno
Qualquer, que de ser livre e grande a prive,

Evoluio, em espirito e verdade;
Comtigo não morreu; tornou-se humano:
— E, humano, encorporou-te á Humanidade.

3

(Versos de inspiração religiosa)

AVÈ, HUMANITAS

Quando contemplo, absorto, a marcha evolutiva
Da especie sobre a Terra; e, ás gerações presentes,
Comparo as que hão de vir ou já não são viventes,
E' que sei quanto a morte é sabia e productiva.

Pois, sob sua influencia, eterna e progressiva
Para os que hão de viver é que trabalham, crentes,
Toda essa communhão de seres convergentes,
Que, quando já não são, têm vida subjectiva.

Gloria, pois, no Planeta ao Grande Sêr Humano,
Cujo passado enorme é como enorme oceano
Que nos leva ás regiões utopicas da luz!

Gloria a Ti, Grande Sêr, que, no teu meio — o
[Espaço —,
Nos traçaste o destino e nos guiaste o passo;
Pois, se o homem se agita, és Tu quem n'o conduz!

VERGINE MADRE

(ANTE O PAINEL DE DECIO VILLARES)

O' virgem! O' filha de teu filho!
Que eu ame mais a Ti, do que a mim mesmo,
E nem a mim, sinão por ter te amado.

Oração de AUGUSTO COMTE.

Onde achar um painel mais delicado
Que possa humanamente idealisar-te
Com mais engenho e mais sublime arte,
Virgem-Mãe, o ideal concretisado?

Sobre o Planeta em flor, florido prado,
Caminhas, e em redor, por toda parte,
Se ergue a natureza para amar-te,
— Da planta á ave, e d'ave ao genio alado.

E prosegues na senda triumphante
Da evolução humana, humana a fronte,
Tendo nos braços teu paterno infante.

Quem és, que ao ver-te alarga-se o horizonte?
Trazes, Amada eterna o eterno Amante?
E's bem Clotilde? E' elle Augusto Comte?

Rio, 3 de Gutemberg de 1903. (15 de Agosto de 1891).

CLOTILDE DE VAUX

(Lendo cartas de Augusto Comte)
Tony Touillion, segundo o original de A. Etex.

NO CENTENARIO DE CLOTILDE DE VAUX

Non é mia affection tanto profonda
Chi basti a render voi gratia per gratia.

DANTE.

Tu que, n'um berço heraldico nascida,
Fadada ao bem, votada ao soffrimento,
Chegaste, pelo teu comportamento,
Na morte embora, a triumphar da vida;

Porque disciplinaste o entendimento
De Augusto Comte, que te viu rendida,
Não aos prazeres da mundana lida,
Mas ao dever que gera o sentimento:

Tu, com teu coração, doce e clemente,
Só Tu, com tua angelica bondade,
Lhe ensinaste o real, que é amar sómente,

Avè, Clotilde, pois! — que a actividade
E a sciencia ao amor rendeste ingenuamente,
Encarnando, em teu berço, a Humanidade.

Rio, 3-VI-915.

GLORIA!

AO LANÇAR-SE A PEDRA FUNDAMENTAL DO PRIMEIRO TEMPLO DA HUMANIDADE, NO OCCIDENTE E NO BRASIL

Diis extinctis deoque, successit Humanitas.

Gloria a Ti, Grande Sêr que hoje lançaste
Do teu primeiro templo os fundamentos;
E, mais do amor nos puros sentimentos,
Do que no grã-Fetiche onde os geraste.

Não mais, os que comtigo religaste,
Pondo em acção sentidos pensamentos,
Hão de esparsos viver, êrmos de alentos,
No Grande Meio hostil em que os fixaste.

Pois, na vida, terão ensino e abrigo
Lá onde a morte os guardará discreta,
Té que se vão encorporar comtigo,

Que não és mais do que a união concreta
Dos vivos e dos mortos, que bemdigo,
Dizendo: — Gloria a Ti sobre o Planeta!

O NOSSO TEMPLO

NO DIA DE SUA INAUGURAÇÃO PARCIAL

Fœderis arca.
HYMNO CATHOLICO.

Sonho ideal que, em pedra rendilhado,
N'aza da fé, vai para os céos voando,
— Não mais divino sêr synthetisando,
Porém o Grande Sêr humanisado:

Eil-o que surge — o Pantheón sagrado,
Que, o presente ao futuro encadeiando,
Almas e corações, n'um puro e brando
Laço de amor, nos prende ao grão passado.

Eil-o que surge! E tudo o que a alma humana
Ama, pensa e produz — sêr convergente —
Austera sciencia ou arte soberana,

Tudo aqui fala e diz a todo crente
Que só de Ti, Humanidade, emana
Toda a luz, todo o bem, que o homem sente.

Rio, 3 de Guttemberg de 103 — 15 de Agosto de 1891.

TU, SO' TU, PURO AMOR

A ROSALIE BOYER, MÃE DE AUGUSTO COMTE

Tu, que lhe foste mãe pela natura;
Mãe pelo amor, que engendra o sentimento;
E mãe pelo sem par devotamento
Com que o arrancaste ás garras da loucura.

Que extremos de suavissima ternura
Te não custára o sublimado intento
De reviver-lhe o extincto pensamento
Para o labor da religião futura!

Tu, só tu, puro amor, paixão sublime
Que, em coração de mãe, tyranna e escrava,
E's capaz do heroismo e até do crime.

Só tu pudeste ao sol que se obumbrava
Tornar a pura luz que nos redime;
Que tal mãe de tal filho se esperava.

ROZÁLIA BOYER

"Por essa ocazião (primeiro centenário de Augusto Comte) inaugurâmos um bélo quadro do nósso distinto correligionário Sr. Eduardo de Sá, reprezentando ROZÁLIA BOYER, a venerável Mãi de Augusto Comte, votando seu filho recem-nacido á renovação religióza do mundo". — Miguel Lemos, Cir. An. 1898.

A CLOTILDE DE VAUX

NO PRIMEIRO CENTENARIO DE AUGUSTO COMTE

"Il faut à notre espèce, plus qu'aux autres, des devoirs pour faire des sentiments".

CLOTILDE DE VAUX.

Tu que, na treva dessa vida obscura
— Vida immortal — que foi de Augusto Comte,
Projetaste — alvo Syrius no horizonte —
Uma nesga de luz suave e pura;

Typo ideal de feminil candura,
O' Clotilde de Vaux! Onde? em que fonte
Hauriste a luz que illuminou-lhe a fronte
Gerando a crença universal futura?

E' que, em teu coração, um só momento,
Nunca o sangue pulsou mais vehemente,
Do teu cerebro a impuro pensamento;

E, ambos confundidos n'um sómente
(Só o dever inspira o sentimento),
O amaram sempre — humana e eternamente.

110-1898.

A SOPHIA BLIAUX

FILHA ADOPTIVA E PROVIDENCIA DOMESTICA DE AUGUSTO COMTE

"La soumission est la base du perfectionnement."

Alma gentil, submissa e generosa,
Que, pelo amor que as condições irmana,
Instituiste na familia humana
O famulismo qual funcção honrosa.

Nunca missão mais nobre e mais piedosa
— Coração de mulher que não se engana! —
Pôde jamais, na especie, — altiva e ufana
De possuir-te — ser mais gloriosa.

Pois, sendo humilde serva, orna-te a fronte
A auréola do immortal devotamento
De filha e mãe, que déste a Augusto Comte;

Provando assim, com o acto e o sentimento,
Que a submissão, de quem n'a aceita esponte,
E' a base e o inicio do aperfeiçoamento.

A AUGUSTO COMTE

FUNDADOR DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Tu transpunhas, sombrio como o Dante,
Da sciencia e d'arte a antiga selva escura,
Quando desceste ao inferno da loucura,
Tendo por guia a dôr mais lancinante

E então, volvendo ao fetichismo infante
Donde evolue a humana creatura
Constataste que Deus era feitura
Da humana especie a evoluir constante.

E' que, hierarchisando a arte e a sciencia,
Deserto achaste o espaço e a eternidade
E nem viste mais Deus na consciencia.

E, como o gran-Cantor da media idade,
Por mão de tua Humana Providencia,
— Pelo amor — tu subista á Humanidade!

A' MEMORIA DE AUGUSTO COMTE

POR OCCASIÃO DO VIGESIMO TERCEIRO ANNIVERSARIO DE SUA ENCORPORAÇÃO Á HUMANIDADE

> O que é uma grande vida?
> Um pensamento da mocidade realisado na idade madura.
>
> ALFREDO DE VIGNY.

Mestre! Apezar da dôr, do soffrimento obscuro
Em que viveste, e até da pecha da loucura,
Dos sarcasmos da inveja e ataques da impostura,
Vinculaste ao passado os élos do futuro.

O passado era um cahos, dantesco sonho escuro,
Em que a fé ou a razão guiava a creatura;
Vieste e illuminaste a hórrida espessura
Co'a luz da evolução — criterio mais seguro.

Hoje a Historia nos diz, — revelação suprema!
Quanto póde a alma humana á luz do teu systema,
No dominio fatal da relatividade.

Disciplinaste o facto hierarchisando as sciencias;
Mas tu'obra immortal foi ter nas consciencias
Ligado o amor da sciencia ao amor da Humanidade.

Rio, 24 de Guttemberg de 92 (5 de Setembro de 1881).

ORAÇÃO ANNUAL

A AUGUSTO COMTE ENCORPORADO

In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura é de bontate.

DANTE — *Del Paradiso*, Canto XXXIII v. 19-21.

Tu, que ensinaste a amar a Humanidade,
E a conhecel-a por melhor servil-a,
Subordinando o egoismo que anniquilla
Do providente altruismo á magestade;

E, sobre a lei da sociabilidade
De nossa especie, a evoluir tranquilla,
O Grande Sêr creaste, que assimila
E dá "quanto em Ti mesmo ha de bondade":

Mestre! alma obscura e agradecida
Que te ama, embora em cerebro inda inculto,
Vos deve a inteira e religada vida;

E vem humildemente ante teu vulto,
Que paira sobre a especie redimida,
Render-te esponte affectuoso culto.

Rio, 24 de Guttemberg de 103 — 5 de Setembro de 1891.

NO PRIMEIRO CENTENARIO DE AUGUSTO COMTE

A TODOS OS POSITIVISTAS ESPARSOS SOBRE O PLANETA

"Onorate l'altissimo Maestro".

Mestre! Emfim tens a idade subjectiva
Do Genio: — é secular tua existencia;
E póde-se dizer que a humana sciencia
— O saber pelo amor — de Ti deriva.

Tu projectaste a luz evolutiva
No Grande-Meio — o Espaço; e, Providencia
Philosophal, mostraste a omnipotencia
Do Grande-Sêr que o Grã-Fetiche activa.

Morreste... E, evoluindo pelo Espaço,
Hoje a Terra Te erige estatua ingente:
— O altar da Humanidade em seu regaço.

O sec'lo em que nasceste, é teu sómente:
— Passaram teus rivaes sem deixar traço...
Só Tu vives — só Tu! — eternamente.

Rio de Janeiro, 19 de Moysés de 110 (19 de Janeiro de 1898).

AUGUSTO COMTE

Fundador da Religião da Humanidade

NO 41° ANNIVERSARIO DA MORTE DE AUGUSTO COMTE

Mestre! Si ainda houvesse no Planeta
Quem teu nome immortal não conhecesse,
Quem nunca, o que escreveste, lido houvesse,
Genio: — sabio, philosopho e poeta:

Esse, não vive no seu tempo; esse,
Do mundo antigo atêm-se á antiga meta;
Não vive vida cerebral, — vegeta,
Qual se no tempo e espaço não vivesse.

— Que, se o cerebro é duplice placenta
Animada entre o mundo e a Humanidade,
Se os não reflecte por igual, — dementa.

E, completando a lei da gravidade
Pela da evolução, que nella assenta,
Só Tu ligaste o Mundo á Divindade.

110-1898.

A' MEMORIA DE AUGUSTO COMTE

(NO 101º ANNIVERSARIO DE SEU NASCIMENTO)

A' medida que o tempo vai passando,
Mestre! tua influencia subjectiva
Mais se accentua e torna decisiva,
Ao passado e ao porvir nos religando.

E' que, — si, os grandes Mortos dominando,
Com tua vasta synthese affectiva
Guias os que hão de vir á amiga riva, —
Ao passado nos vais incorporando.

E como ao sol que nasce — e que o annuncia —
Precede alviçareira claridade
Assim Tu vais crescendo dia a dia;

Pois resumes, em toda a integridade,
O que foi e ha-de ser, — mas não seria
Si não fundaras Tu a Humanidade.

111-1899.

UM PENSAMENTO DE AUGUSTO COMTE

AMAR, PENSAR E AGIR: O QUE É A VIDA HUMANA?
AGIR POR AFFEIÇÃO E PENSAR PARA AGIR.

O amor regenerará a sciencia
A razão justificará a fé.

S. CYRILLO D'ALEXANDRIA.

Amar, pensar e agir: eis a synthese humana;
Agir por affeição e pensar para agir.
Pois agir é pensar e o pensamento emana
Do amor que inspira o bem — amar é progredir.

Como pensar, porem, se o pensamento engana?
Como agir por amor se é anarchico o sentir!
Amar com consciencia é a sciencia soberana.
Sciencia sem amor é a arte de iludir.

Ensinae pois, amando, a saber o que se ama,
Para agir por amor, nossa missão reclama
Uma doutrina, — existe — e sabel-a, é educar.

E como o amor é a lei da sensibilidade:
Educae, tendo sempre em vista a Humanidade,
O homem para a Patria e a mulher para o lar.

O SECULO DE AUGUSTO COMTE

O seculo que expira, é o mais glorioso schema
D'alma humana que ascende a utopico ideal:
— Logo ao nascer, nos deo, com a biologia, Gall
Que, d'orgãos cerebraes, fêl-a funcção suprema.

Já havia Galileo demonstrado o theorema
De que a Terra se move em duplo gyro annual,
E Augusto Comte achou que o homem, por igual,
Com a especie evolue, formando um só systema.

E assim foi que creou a Sociologia
E creou a Moral, baseando-as na unidade
Humana e planetaria. E, na intima harmonia

Do que é, foi e será, fundou a Humanidade
— Grande Ser que religa os que o altruismo guia.
O seculo que expira, — é a nossa eterna idade.

112-1900.

TRANSYMBOLISMO HISTORICO

(ARIADNA E AUGUSTO COMTE)

Eu venho da caverna primitiva
Pelo intrincado dédalo da Historia;
E assignalei-me a infinda trajectoria,
Fiando a minha lei evolutiva.

Passei pela cabilda de extensiva
Troglodita e fetichica memoria
E celebrei a artistica victoria
E fim dos deuses, na Hellade inda viva.

Transpondo o Islam, no genycêo romano,
Aguias do Imperio vi; no Vaticano,
Guiava Pedro a barca de Caronte...

Erigi em Paris modesto templo
A' Humanidade e n'ella me contemplo,
— E's Ariadna?
— Eu sou Augusto Comte.

L. da G., Rio 31-V-912.

SAGRADA RELIQUIA

O relogio de Augusto Comte, confiado á guarda da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, pelo filho de Sophia Bliaux — Paulo Thomas.

"Nunc... semper! Nunc... semper!
Et stetit: 6 h. 3 m., mane illius mortis."

Este que mede o tempo, hora por hora,
E, instante por instante, o tempo mede,
Tendo medido o tempo que o precede,
Regula o tempo procedente agora.

Relogio algum de precisão o excede:
Sete sciencias abstractas elabora
E a humana evolução, que as corrobora,
Fia como o arenario de Archimede.

Parou de agir, pensar talvez — somente;
Mas não parou de amar: que, na verdade,
Entrou então a amar eternamente.

— Pois, no amor de Clotilde — humana fonte —
Fundou a Religião da Humanidade
O Relogio ideal de Augusto Comte!

Rio, 9 de Dante, 67-133 — 24 de Julho de 921.

A ESTATUA DE AUGUSTO COMTE

Esquisso Iconographico

PARA DECIO VILLARES E EDUARDO SÁ

Sobre a terrena crosta planetaria
Que o espaço envolve, em leis mentaes e exactas,
Dos sete degráos das sciencias abstractas
Erga-se a sua Estatua Humanitaria.

Nos tres primeiros — baze necesaria —
Formem-n'a as leis geraes fetichocratas
Que á existencia inorganica são gratas,
Desde a Logica á Physica, inda vária.

Repoisem-n'a outros tres nas propriedades
Dos corpos que, mantendo affinidades
Chimicas, têm da vida o dualismo.

E, no ultimo, esguardando almo horizonte
Social e Moral, que ao humano altruismo
Abrio, aos pés da Deusa: Augusto Comte.

Rio, 1912.

A IDÉA NOVA

A Miguel Lemos e Teixeira Mendes

AS GLORIOSAS VICTIMAS DA ESCOLA POLYTECHNICA (*)

"E pur se muove".

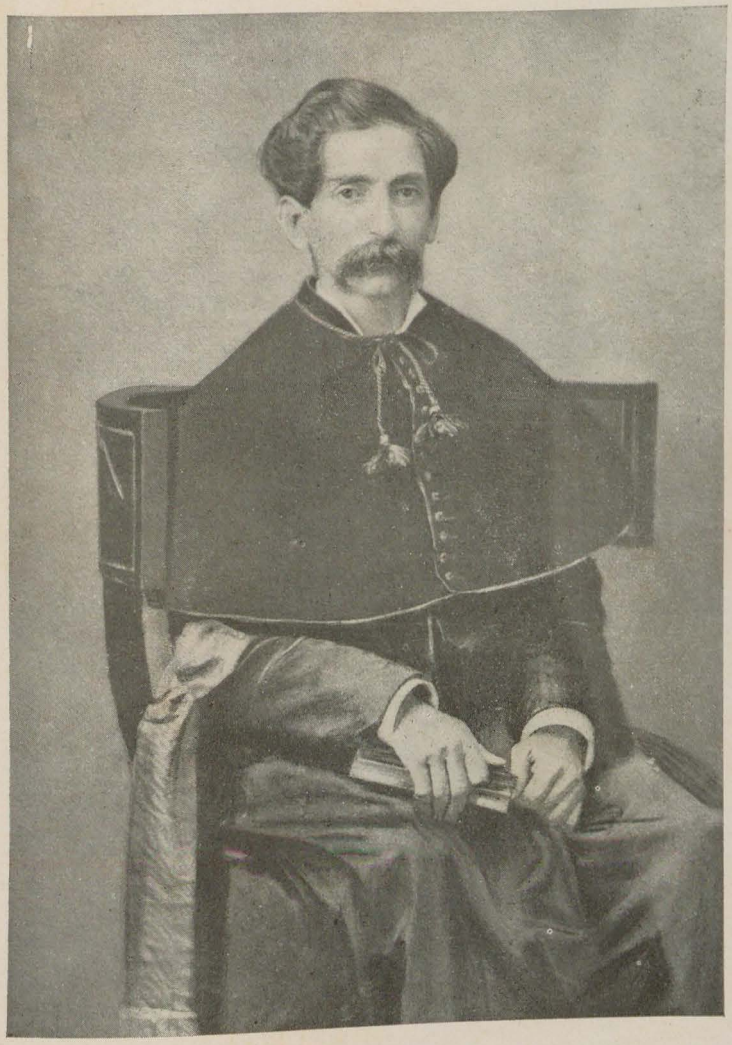
Oh! sim! ha de vencer a austera Divindade!
Por uma lei fatal, a grande lei da Historia,
Do Oriente ao Occidente a curva evolutoria
Já descreveu triumphante o sol da Humanidade!

Ide agora dizer aos homens desta idade
Que Galileu mentiu; de Kepler toda a gloria
Ahi está para attestar a colossal victoria,
Que a sciencia alcançou sobre a má fé do frade.

Embota-se a razão; mas, supprimir a sciencia...
Pregar o amor de Deus, matando a consciencia...
E' impossivel! Pois bem, erguei a Inquisição;

Mandai incendiar a grande Idéa Nova;
Fazei-lhe auto de fé; vigiai-lhe bem a cova...
— Ella ha de resurgir mais forte e bella, então!

(*) Alude á suspensão de M. Lemos e de T. Mendes, em 1876, então alunos da E. P.



R. Teixeira Mendes

Vice-Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil

DOIS APOSTOLOS

AOS EMINENTES CONFRADES MIGUEL LEMOS
E TEIXEIRA MENDES.

"Sic itur ad astra."

Consumiram dez anos dignamente
A propagar o Grande Sêr Humano,
Do regimen final mostrando o arcano
Desvendando o porvir: dez, tão sómente.

No entanto, ha meio seculo, o Occidente
Já possuia o livro soberano
Em que, dia por dia, anno por anno,
A evolução da especie está patente!

E elles foram que á Patria Brasileira
Assignaram por baze á liberdade
O lemma escripto em sideral bandeira!

Hoje erigem um templo á Humanidade.
O' meus amigos! que immortal canceira!
— Dez annos... valem uma eternidade.

NO SEIO DA HUMANIDADE

(SACRAMENTO POSITIVISTA)

No altar da Deosa, aos pés da Humanidade,
Ao grande antiste humano, ajoelhado,
O jovem par ditoso e amante e amado,
Em quem fia de amor a castidade;

Pede a sancção do affecto sublimado
Que os unirá por toda a eternidade,
Sempre puro e fiel, como, em verdade,
Puro e fiel nascera e é partilhado.

Ella lhe jura dar, sinceramente,
Quanta felicidade houver por sorte;
Elle, em seu coração viver sómente,

Como em sadio corpo û'alma forte:
— Unidos para a vida eternamente,
— Eternamente unidos para a morte.

Celebração de um cazamento pozitivista, em 1900, no Templo da Humanidade

Rio de Janeiro.

MARCHA NUPCIAL

A JOSÉ MARIANO DE OLIVEIRA

Depois da cerimonia civil do casamento de sua filha Heloisa com o Dr. Jefferson de Lemos.

Vão partir para a intima existencia
Do par humano em plena Humanidade:
— Ella, pureza em flor; elle, na idade
Em que o amor regenera a vida e a sciencia.

Mutuo affecto os conduz para a verdade,
Para o bem, para a Humana Providencia:
— Para onde os transfunda a convivencia,
Desdobrando em familia e sociedade.

Outros virão depois, seus descendentes,
Que, pela lei da hereditariedade,
A mesma trilha seguirão, contentes.

E, mantendo ancestral continuidade,
Irão, com elles — sêres convergentes —
Partindo... e renovando a Humanidade.

Rio, 25 de Archimedes de 122 (19 de Abril de 1910).

APRESENTAÇÃO

(SACRAMENTO POSITIVISTA)

No teu seio é presente, Humanidade,
Esse que, em teu amor, fôra gerado
Para servir-te e amar-te, dedicado,
Na viva fé que inspira-te a bondade.

Acolhe-o em tua grã beninidade,
O' Virgem-Mãe! bem como a um filho amado;
E que, no teu amor, seja educado
Vivo exemplo de amor e de piedade.

Poe-lhe todo o fervor do antigo crente
No animo cauto e firme e valoroso,
Que tudo move e obriga a toda gente.

Inspira-lhe essa fé, que amo e partilho,
E elle, digno de Ti, será ditoso,
O' Virgem-Mãe! O' Filha de teu Filho!

MAMÃE-HUMANIDADE

Canção infantil

(PARA BEATRIZ NUNES APRENDER A SOLETRAR)

E' tão velhinha, que nem tem conta
A idade d'Ella, por mais que a cóntem
— Cento e quinze annos — já se lhe aponta...
Porém parece que nasceu hontem.

Com Papai — Comte — bêbê nos braços,
Seu rosto á antiga, seu traje humilde,
Como são jovens seus doces traços!
Como é bonita Mamãe-Clotilde!

Foi Papai-Comte, Filho e Pai d'Ella,
Quem lhe tecera seu fino manto
Dos frouxos raios da viva estrella
Que a envolve toda n'um brilho santo.

E, em cada fio de prata ou d'oiro
Dessa escumilha que vai descendo,
Ata e conserva, como um thezoiro,
Quem vai morrendo... quem vai nascendo...

Quem morre, é sombra — foi — é passado;
Quem nasce, é luz — vive — é presente;
Mas vai passando, de estado em estado,
Para o futuro, que — além — pre-sente.

Assim, trazendo no seu regaço,
Com Papai-Comte, tudo o que existe,
Mamãe-Clotilde sustém no braço
A especie humana, que o adora e a assiste.

E vai rolando seu manto d'oiro
Na Terra e Espaço, com magestade,
Como embalada n'um sonho loiro:
— Mamãe-Clotilde é a Humanidade.

Rio, 21 de Frederico de 115 (25 de Novembro de 1903).

A VIDA

Monologo fetichista

(PARA SER DITO POR UMA CREANÇA DE 5 ANNOS)

Quem é, como sou eu, tão pequenina,
Não sabe o que é nem que fazer da vida:
Canta, chora, anda a rir, destróe, trucida,
— E é maman de boneca... inda é menina.

Vive sempre a sonhar, mas n'uma lida
De indagar e saber... tudo a fascina!
Vive assim como vive a Rosalina...
— Entre-acordada e entre-adormecida!

Vive como o pintinho sai do ovo:
Tudo é grande, tudo é bello, tudo é novo,
Como o sol quando acorda de manhã.

Mas não diz o pintinho o que elle sente
Nem faz o que elle vê fazer á gente;
E eu faço... e eu digo... ahi 'stá! — Não é, maman?

NA FESTA SOCIOLATRICA DO FOGO

Gloria a ti, luz do céo, que és providencia
Do pobre, arma do fraco e bem do rico!
Luz e calor, que adoro e glorifico,
Como fonte da vida e da existencia!

Por ti, velho Titan repta a inclemencia
De cioso Deus, olympico e impudico;
E Promethêo, que em Franklin dignifica,
As artes crea, impulsionando a sciencia.

Mas então, vendo o raio que deriva
Para o centro da Terra, quem diria
Fosse elle a scentelha primitiva

Que Promethêo raptara á Omnipotencia
De Jove, e a luz do sol substituiria,
Como fonte da vida e da existencia!

AMOR ETERNO

A' MEIGA E CARINHOSA SACERDOTISA DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE NO BRASIL D. ALBERTINA LEMOS, COMMEMORANDO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

"L'Amor che muove il Sole e l'altre stelle".
DANTE — *Del Paradiso* — XXXIII — 125.

Amar e ser amada eternamente
Livre de egoismo, isenta de impureza;
Bemdita em toda a humana natureza,
Emquanto houver quem ame humanamente:

Render culto de amor e, meigamente,
Ter n'esse culto o culto de uma deosa;
Igual no apego A'quelle que a tem presa
No coração, que a serve obediente:

Amar e a eterno amor votar-se humilde:
Lei suprema é da Humana Divindade
E, assim, Augusto Comte amou Clotilde;

Mas, amando, tornar-se a eterna fonte
Onde haure todo o amor da Humanidade,
Só soube amar Clotilde a Augusto Comte.

C. F. — 4 de Dante de 111 (19 de Julho de 1899).

"GRAÇAS!"

Ao incomparavel Mestre e inexcedivel Apostolo das Gentes, R. TEIXEIRA MENDES, ao terminar, emocionado, a primeira demonstração do dogma positivista, na "sala Daniel Encontre" do Templo da Humanidade, em 27 de Frederico de 117.

Na ultima pagina da "Synthese Subjectiva".

"Que é uma grande vida? Um pensamento da juventude realisado na maturidade."

ALF. DE VIGNY.

Eu tinha n'alma, outr'ora, o sentimento
De um Grande-Sêr, Humana Divindade,
Que, unindo a Terra ao Espaço, ia, em verdade,
Ao coração ligando o pensamento.

E, quanto mais sentia a realidade
Desse Ideal no meu entendimento,
Mais me quêdava, sem constrangimento,
Preso a mim mesmo, ao mundo e á Humanidade.

Religião no Amor synthetisada,
Tinha, por culto, o culto do Passado;
E, por dogma, a sciencia hierarchisada.

Hoje, porém, confesso-o de bom grado;
Se a Augusto Comte devo-a revelada,
Graças a Ti, o vejo demonstrado.

Rio, 5 de Moysés de 118.

SUPREMO ESFORÇO

AO EMINENTE LEGADO APOSTOLICO DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE, R. TEIXEIRA MENDES, ANTE O SEU INQUEBRANTAVEL DESIGNIO DE APOSTOLAL-A EM PARIS

Por occasião de sua partida.

O homem se agita e a Humanidade o conduz.

Vai, Medievo Apostolo das Gentes,
Vai a Paris, levar-lhe a Humanidade.
Paris anceia, em convulsões latentes,
Como um seio de Mãe, pela verdade.

E essa, levas-lh'a tu, — tu que não mentes
A' ardente Fé scientifica que entranhas,
E, tendo já movido estas montanhas,
Passa agora a mover os continentes.

Vai! Paris te aguarda. — E's o Messias
Que á Deosa promettera Augusto Comte,
Quando, ao morrer, pouco depois nascias.

Tens d'Elle o genio, a sciencia e a santidade;
Nada te falta; — apenas horizonte:
Vai a Paris levar-lhe a Humanidade.

REALISAÇÃO DE UM VOTO PIEDOSO

A RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES

Partindo para Paris, com o fito de adquirir a casa em que morreu Clotilde e transformal-a em Capella da Humanidade; pesquisando e recolhendo, tambem, quanto, sobre a vida e obra do Mestre, enfeixou n'"O Anno sem par."

"Que é uma grande vida? Um pensamento da mocidade realisado pela idade madura."
ALFREDO VIGNY.

"O homem se agita e a Humanidade o conduz."
AUGUSTO COMTE.

Vai, melindroso Apostolo sublime
Da Virgem-Mãe, divina Humanidade!
— Revigorar a fé pela piedade,
Junto do Fundador que nos redime.

Colhendo, aqui ou ali, tudo o que exime
Do olvido a sua vida e santidade,
Teces a melhor c'rôa de saudade

Que o nosso afeto e gratidão lhe exprime.
E si, dentre as florinhas carinhosas
Que lhe ungem de nardo o corpo amado,
Vires meiga "pensée" falando ás rosas

Desse Clotildeo amor que se revela...
— Como emblema do teu Apostolado,
Colhe-a tu, por tu és digno della.

Rio, 12 Shakespeare 109 (22 Setembro 1897).

DESILLUSA ILLUSÃO

AO NOVO APOSTOLO DAS GENTES

RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES

De volta ao Brasil, tendo fundado um templo á Humanidade, em Paris.

Ante o actual "voltairiano chauvinismo anarchico parisiense".

"Paris é a França, é a Terra — será a Humanidade."

Volves — emfim! — do cerebro do mundo
Onde erigiste uma ara á Humanidade!
— Tua gloria hoje mede a intensidade
Do teu amor, mais que o saber, profundo.

Filho sem par do Summo Par fecundo
Que engendrou toda a humana f'licidade,
Foste levar Clotilde á eternidade
Do antigo lar — de um Templo ao altar jocundo.

E volves. — Fazes bem. Na lethargia
Moral em que se enerva actualmente,
Paris não vê o Grande-Sêr que o guia!

Volve ao latino coração que sente:
Ver-te Paris, qual és, não poderia;
Aqui, vives no amor de toda a gente.

Rio, 9 de Carlos-Magno de 117.

AD SODALES REDIS, EXOPTATUS ADES: GAUDEAMUS!

A RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES

O novo apostolo das gentes, volvendo á Patria e ao seio amante e amado da Igreja Brasileira, depois de ter erigido a Capella-Clotildea em Paris.

"Ubi Augustus Comte, ibi Humanitatis Ecclesia."

Paris não quiz ouvir-te a voz sublime
Do amor que move corações ás gentes;
Do amor que alarga, unindo, os continentes;
Do amor que a humana especie une e redime!

A anarchia moral, que o estreita e opprime,
Não pôde conceber como dois Entes,
Que se amam, gerem sêres convergentes:
— Foi uma ingratidão; — é mais que um crime!

Tanto peior para Paris: retarda
De um seculo o advento á Humanidade,
Que outro Messias — não sei quando! — aguarda.

Mas tu cumpriste o teu dever: não ha de
Jámais negal-o a geração bastarda,
Que te viu sem te ouvir, Voz da Verdade!

Rio, 6 de Carlos Magno, XLIX.

MORTA!

Na irreparavel perda da Sra. Ernestina de Carvalho Teixeira Mendes digna esposa e eterna companheira do moderno apostolo das gentes R. Teixeira Mendes.

Sic itur ad astra.

VIRGILIO.

"Sposa, Madre e Figliuola."

Si póde humana dôr ter voz humana
Que traduza, com toda a intensidade,
Quanto te dera a natureza, ufana,
E perde, em te perdendo, a Humanidade:

Nunca assás tua angelica bondade,
Teu doce apêgo, tua humilde e lhana
Veneração, por quem, no amor, te irmana,
Serão louvados, n'esta triste idade.

Porém, o que bem mais te exalça ainda,
E sobreleva á humana contingencia,
E' a alma flamma de pureza infinda

Com que, regenerando-lhe a sciencia,
Lhe inspiraste o almo ardor que ao Mestre o guinda
— E lhe fecunda a próvida existencia.

Rio, 28 de Dante de 124 (11 de Agosto de 1912).

SEM VOZ QUE A LOUVE OU NUNCA ASSÁS LOUVADA!

No terceiro domingo commemorativo de sua transformação subjectiva, no Templo da Humanidade.

"Em ti misericordia, em ti piedade,
Em ti magnificencia, em ti se aduna
Tudo quanto no mundo ha de bondade."

DANTE, *Inferno, XXVIII* — Versão Generino.

Morta... Não! não morreu! — Porque não morre
Quem na saudade vive e vive ausente,
Como evolada essencia redolente
Em capillar crystal donde inda escorre.

Vive — olfactiva imagem que transcorre —
Saturando-o, idéal e intimamente:
— Rescende em quanto eleva e enleva a mente;
Transcende em quanto existe e á mente occorre!

Si é dôr e pranto e magua, — é sonho, alento,
Incentivo, força-nutriz — Saudade —
Que emplumma e emparadisa o pensamento.

Queres vêl-a, em objectiva realidade?
Concentra-te em ti mesmo, um só momento...
Não vês? — Encorporou-a a Humanidade.

A DOR QUE MAIS DÓE...

(ARCHAICAMENTE RENOVADO DO ANTIGO)

Monologando ante o sepulchro de D. Ernestina, onde, todas as tardes, seu immortal esposo, ia avivar e espairecer saudades, até que com ella se foi juntar, no Campo Santo de São João Baptista da Lagôa.

"Nenhuma maior dôr
Do que recordar tempos felizes
Na miseria! Que o diga o teu doutor."
DANTE — *Inferno.*

"Nessun maggior dolore
Che ricordarsi dei tempi felici
Nella miseria! E ció sa il tuo Dottore!"
DANTE — *Inferno.*

Na vida, o que mais dóe, não é perdêl-a,
Porque, para perdêl-a, é que nascemos;
Não é cedo morrer, porque vivemos;
E, para que vivamos, basta havêl-a.

Tampouco, é-nos ainda assás soffrêl-a,
Pois não colhe que nós, sempre, a gozemos;
Mortos-vivos, morrendo, renascemos:
E' condição da vida o não vivêl-a.

O que mais dóe, na vida, é ver já morta
A ultima esperança, inda ao nascer;
Desillusa a illusão que nos conforta:

— Ver que morre, apesar de renascer,
Tudo que se ama e amar, na vida, importa:
— Quem nos amou... deixando de viver.

MORS — DISCESSUS !...

Na objectiva separação dos dois siamezes Apostolos da Religião da Humanidade no Brasil: Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

"Só, entre grandes homens no pensar,
Vero apêgo integral se póde dar."

Primitivo pensamento de Augusto Comte.

Irmãos na Fé, nasceram para a vida
Objectiva e o amor da Humanidade,
Tendo os dois, socialmente, a mesma idade,
E tendo uma só vida, a dois, vivida;

A mesma educação e intima lida;
A mesma aspiração e igual bondade:
— E votaram dar viva realidade,
De Augusto Comte á obra reflectida.

Porém, si um excellia pela sciencia,
— Embellesando-a o outro com su'arte,
Completavam-se os dois, qual mais gentil.

E — triste! — eis que um, sem o outro, ora se parte,
Deixando-o só — e só, em condolencia,
A Igreja que fundaram no Brasil.

ROSALIA IGNEZ

Na transformação subjectiva de um "Anjo tutelar humano", dolorosamente extincta "menina e moça" ainda.

"Et rose, elle a vécu ce qui vivent les roses:
L'espace d'un matin!"

MALHERBE.

De tanta vida em flôr, graciosa e bella,
Embalada num fluido de ternura
Que, entre as demais, mimosa creatura
Transfigurava em scintillante estrella,

Que resta? A' fronte virginal capella,
Franzino corpo que funda sepultura
Decompõe para génese futura,
Mas cuja imagem paira acima della.

E vejo-a morta, como a vi creança,
Recolhendo no altar da Humanidade
Rosas que distribuia em segurança

Da nossa Fé — e leva á eterna idade;
Como um raio de vívida esperança
Que se esbatesse em mórbida saudade!

BARBARA FATALIDADE

Na catastrophe nefaria e irreparavel exicio do joven servidor da Humanidade e industrial patricio Cipriano-Godofredo, incauta victima de um "desidio automobilicutario".

"De minimis non curat Prætor."

Nascer, viver, morrer — viver, de novo,
E encarnado em vivissima saudade,
Na Familia, na Matria e Humanidade:
— E' a lei da vida humana e seu renovo —

E tu, chefiando proletario povo,
Promettias durar a eternidade;
— Morres, porém, na frol da activa idade,
Cumprindo o mais cultual dever que louvo.

E' que a lei biologica da vida
Só é boa e normal fatalidade,
Si a vida é normalmente preenchida:

— Si não lhe occorre accidentalidade,
Como essa que, dum "auto" na subida,
Te transforma em vivissima saudade.

R. TEIXEIRA MENDES

APOSTOLO DA HUMANIDADE

(Colhido de surpreza. 1.X.925)

SANTA CLARA E S. FRANCISCO DE ASSIS

Gesso de Ed. de Sá, pronto para ser vazado em bronze. Estado em que o viu Teixeira Mendes, no Templo da Humanidade, em vésperas de falecer — 1927.

ENTRE A VIDA E A MORTE

Intimo dialogo da Irmã Morte com seu Irmão, vivo e immortal, Raymundo, por occasião de fundir-se em bronze a estatua do "Poverello de Assis."

"Sê louvado, Senhor, pela Irmã Morte
A' qual vivente algum póde escapar:
Bemdicto o que tua graça houver por sorte
Si em pecado morrer, ai do mortal!"

São Francisco de Assis — Cantico do Sol. Versão Generino.

No regaço materno de Irmã Terra
Se agitava, a servir, nosso Irmão Mendes.
E Irmã Morte lhe diz, a ver se o aterra:
"Vê bem si, de Irmã Vida, te desprendes..."

— "Irmã Morte" — tornou-lhe — Que pretendes?
Já me desfiz de tudo o que ella encerra:
Si Irmão Destino ora me vota guerra,
Já prompto estou para seguir-te, entendes?

Vinha Irmão Sol prismando, do horizonte,
Sobre Irmã Terra, em photosphera o disco,
Que é da Irmã Vida planetaria fonte;

E quando, ao pé de "Glorioso Monte",
Ia ouvir descantal-o — o Irmão Francisco...
— Morre — Irmão d'Elle — o Benjamin de Comte.

LAGRIMAS DE CROCODILO

Trôa o canhão: "Morreu Teixeira Mendes",
O Apostolo sem par da Humanidade,
Da dôr de ver que iniqua Potestade
São Francisco tratou como a duendes...

Pobre canhão! Mas, por que tanto o offendes
Soluçando-lhe a immortalidade,
Si foste tu — só tu! —quem, na verdade,
O matou, pela mão de quem attendes?

Perdeste o ensejo de ficar calado
— Tal seria o seu gesto puritano,
Si inda vivera e fosse consultado;

Que, homenagem, só lhe rendera o Estado
Si não lhe houvesse Washington vetado
O secular feriado franciscano.

PREDESTINAÇÃO APOSTOLICA

"Nasceu Teixeira Mendes (1855) dois annos antes da morte de Augusto Comte (1857)".

Quando morreu, legara Augusto Comte
Com elle, á sua Filha — a Humanidade —
Não tanto um successor á integridade
De su'obra, mas "Apostolo esponte."

E elle, inebriado nessa fonte
De amor e scientifica verdade,
Morto o Mestre, com viva actividade,
Poz-se a esplanar-lhe o intérmino horizonte.

Pregou-a no Brasil, á saciedade;
Foi pregal-a em Paris — mundial Cidade —
Máo grado "metaphysicos duendes";

E, quando vai triumphando a Humanidade
Nas consciencias, com morosidade...
— Morre do coração Teixeira Mendes!

AVÉ, IMMORTAL!

A R. TEIXEIRA MENDES

Ex-fructibus Illius, ære perennius Monumentum

Na subita e prematura transformação subjectiva do sublime e inexcedivel *Apostolo da Religião da Humanidade.*

A' Igreja e Apostolado Positivista do Brasil e a todos os positivistas, em gráos quaesquer, esparsos sobre o Planeta.

"Que é uma grande vida? Um pensamento da mocidade, realisado na idade madura." — A. DE VIGNY.

"A pedra do teu tumulo é o teu primeiro altar." — ELISA MERCOEUR.

"Os vivos são, sempre e cada vez mais, necessariamente, governados pelos mortos."

"Viver em outrem, por outrem e para outrem." — *Maximas de Moral Positiva.*

"Não é minha affeição assás profunda,
Que baste a vos render graça por graça" —
DANTE A' BEATRIZ — Paraiso.

VENDO PASSAR O APOTHEOTICO CORTEJO FUNEBRE QUE O LEVOU PARA O CAMPO SANTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA.

Este, que ahi vai, Apóstolo Sublime
Da Virgem-Mãe-Humana, a Humanidade,
Para a estancia onde a Fé, que nos redime,
Vai transformal-o em póstera saudade,

Leva, comsigo, quanto a integridade
Humana, humanamente, engendra e exprime:
Todo o Amor, toda a sciencia e actividade;
— Todo o Bem que, num cérebro, colime.

Aquelle exiguo e humilimo ataude
Estreita um coração que alma virtude
Fez tão grande que, enchendo esta cidade

Penetra, todo inteiro, um continente,
Oceanos transpõe, colma o Occidente
E sagrará, com o Mestre, a Humanidade.

A' DEOSA!

NA TRANSFORMAÇÃO SUBJECTIVA DO ESPONTANEO E SUBLIME
APOSTOLO DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE
RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES.

Lido, ao baixar á sepultura, pelo co-religionario Jefferson de Lemos, por emocionado e enfermo impedido o autor.

A' Igreja e Apostolado Positivista do Brasil e a todos os positivistas, em gráos quaesquer, esparsos sobre o Planeta.

Morto? Não! Bem mais vivo estás agora,
Na tu'obra e na tua sepultura,
— Tu que pregaste, integralmente pura,
De Augusto Comte a obra que se ignora.

E, por ella, ascendeste á húmile altura
Em que teu "Poverino" se alcandóra,
No bronze, em que teu genio o transfigura,
Cantando o "Hymno ao Sol" que ambos devora.

Que importa veja o abyssinio cretinismo,
No teu Apostolado, "sectarismo"...
Ou te dê morte obtusa fatuidade?

Si governam os Mortos sempre os vivos,
Com os que, em Ti, foram Grandes Redivivos,
Tu viverás em toda a Humanidade.

Rio, 11 (Joanna d'Arc) e 12 (Albuquerque) de Carlos Magno (a Civilisação Feudal) de 73-139 (Grande Crise da era normal) — 28 (São Leão II, papa) e 29 (São Paulo) de Junho de 1927 (era Christã).

SOTTO VOCE

No 3.º domingo commemorativo da sua transformação subjectiva, tendo, em vida, refusado a ritual celebração da ceremonia no Templo da Humanidade.

"E per trovare a conversione acerba
Troppo la gente, e per non stare indarno
Reddissi al frutto dell'italica erba."

DANTE — *Paradiso, XI*, 103-105.

"E por achar a conversão proterva,
De mais a gente e não ficar ocioso
Regressa ao fructo da italica herva..."

Versão Generino.

Tu, que professaste a abstracta sciencia
Que, em dogma, Augusto Comte hierarchisou,
E pudeste dizer-nos: "Homem sou
E nada, alheio a mim, ha na existencia";

E, prevendo-a, ascendeste á Providencia
Humana, que teu genio apostolou,
Pregando que "nada ha feito", em consciencia,
"Si ainda, por fazer, algo ficou":

Mestre que, em continua actividade,
Viveste eternisando a obra do Mestre,
Explanando-a e tornando-a assim maior,

Te encorporas com Elle á Humanidade,
Pela materna conversão terrestre,
Provando que, "só ha de real, o Amor."

PRIMUS INTER PARES

Meditando sobre a transformação subjectiva do Immortal Apóstolo da Religião da Humanidade
R. TEIXEIRA MENDES,
por occasião da "Festa sociolátrica dos Apostolos", a que foi votivamente encorporado.

"O Positivismo se desenvolverá melhor pela livre iniciativa dos meus dignos discipulos do que sob um chefe insufficiente."

AUGUSTO COMTE — *Testamento.*

"Que é uma grande vida? Um pensamento
Da juventude que se realisa
Na maturidade."

ALF. DE VIGNY.

"A pedra do sepulcro é o teu primeiro altar."

ELISA MERCOEUR.

Celebra a Religião da Humanidade
Tua ascenção á vida subjectiva;
E eu concentro, em mim mesmo, a objectiva,
Para seguir-te, em espirito e verdade.

Glorifica tua amplissima e intensiva
Obra immortal feliz Posteridade;
Pois, ao fulgor da Sciencia Positiva,
Revelaste Clotilde á Humanidade.

Mas teu cerebro — organismo efficiente —
Que o proprio Augusto Comte enquadraria?
Teu coração, com que nos sorprehendes?

Rilha o verme o que amou? quanto sabia?
Ou volverão, plasmando identico ente?
Quando, em outrem, virás, Teixeira Mendes?

A CONVERSÃO SUPREMA

E SUPREMA GLORIA DO MODERNO APOSTOLO DAS GENTES
RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES
PREGANDO O ADVENTO DA RELIGIÃO DA HUMANIDADE

"Amor que move o Sol e outras estrellas."
DANTE — Paraiso.

"Que eu ame mais a Ti do que a mim mesmo;
E nem a mim, sinão por ter-te amado".
T. KEMPIS — Imitação de Christo.

Elle vinha pregando a corações vasios
A humilde Virgem-Mãe terrestre — a Humanidade,
Que é a synthese do Bem, do Bello e da Verdade —
Como Anchieta, outr'ora, aos brásilos gentios.

Era a Fé pela sciencia, o amor pela bondade,
Veneração e apêgo — instinctos bons, sadios.
Era o altruismo contra os éstos doentios
Do egoismo, as impulsões do orgulho e da vaidade.

E veio a dominar as rémoras do "Meio"
Em que agio, com seu genio, e sábio, e activo brilho,
Mas — como? — o que encontrou de sua Mãe no seio?

Pelo Amor, que o moveo, em virtuoso trilho.
— E d'Ella pôde ouvir, no seu ultimo anceio:
"Virgem-Mãe, eis — tua filha — a filha de meu filho."

Rio 26 de Dante (Camões) de 139-73.
31 de Julho de 1927.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

SONETO INAUGURAL

Sob o guião da Humanidade, emotiva e artisticamente declamado pelo jovem orador positivista Paulo Berredo Carneiro e calorosamente applaudido pela assistencia composta de positivistas, catholicos e crentes de outras confissões religiosas sobrenaturaes, ao descerrar-se a estatua do "Poverello", velada pelo auriverde pendão da "Ordem e Progresso" sob o Cruzeiro do Sul, na Avenida Beira-Mar e praça que deverá ter o seu nome, como alvitra Teixeira Mendes; e depois que, a pedido feito á Communidade e obsequiosa deferencia ao Apostolado Positivista, leo um Irmão Capuchinho da Ordem Franciscana o "Cantico do Sol", ligando, assim, o lithurgico Hymno Pontificio aos planetarios accórdes da Marselheza e aos enthusiasticos compassos regionaes do Hymno Nacional Brasileiro.

Em memoria do Immortal Apostolo da Humanidade, seu digno e fiel devoto

Raymundo Teixeira Mendes

que, homologando antigo projecto acompanhado de maquette, com o seu decisivo e efficaz ascendente mo-

ral e religioso, activa e ultro-esforçadamente, com irreparavel damno de sua propria vida, presidio sua erecção.

E em louvor ao Insigne Estatuario

Eduardo de Sá

que, esthetica e technicamente, a ideou, projectou, modelou, moldou e superintendeo sua fundição em bronze, nas officinas do industrial patricio Trajano de Medeiros;

e do patricio banqueiro

Amaro da Silveira

que, patrocinando aquelle projecto, solicita e altruisticamente a erigio, custeou e dôou á Municipalidade, entregando-a á zelosa guarda do Prefeito da Capital e á piedosa contemplação dos verdadeiros "franciscanos de coração e espirito" sem distincção de crenças religiosas, como grata homenagem ao Catholicismo donde a Religião da Humanidade evoluio, pelos serviços prestados e que ainda lhe está prestando:

— tendo, d'est'arte, os tres, empirica e praticamente, esboçado, em seus precisos mas amplos e razoaveis termos, a liga religiosa que, com a Igreja Catholica, propoz Augusto Comte ao Geral dos Jesuitas e o Immortal Apostolo brasileiro proseguia quando a morte o surprehendeu.

Como São Paulo no caminho de Damasco, teve São Francisco de Assis, na Via Faminea que conduz de Spadeste á Roma, a febril visão do seu destino social — "tentar a unica reforma que comportasse o Catholicismo, substituindo — mas em vão! — um clero necessariamente pobre ao sacerdocio deploravelmente enriquecido" — e religiosamente o cumprio, quando, porém, enfermo em São Damião, no seu estático delirio

á meza do refeitorio, depois de ter longamente confabulado com Santa Clara, repentinamente compoz e instituio "o Cantico do Sol", o que realmente elle fez — sem se aperceber, pois só, mais de seis seculos depois, descobrio Augusto Comte a sua lei fundamental dos tres estados por que passam todas as concepções humanas, concretas ou abstractas: fetichista, theologico e positivo ou exclusivamente humano — "foi, pregando e praticando a fraternidade universal, quer dizer de todos os sêres existentes, encorporar o fetichismo inicial á Religião da Humanidade, — que não é mais, como elle a definio, do que o conjuncto continuo de todos os sêres que convergem para um destino commum". — *Apanhado Positivista,* segundo Aug. Comte, Pol. Posit. III, 485.

"Sê louvado, com tuas creaturas,
— O Irmão Sol, meu Senhor, precipuamente
Que faz nascer, illuminando o dia.
Elle é bello e radiante, entre esplendores
Tu'alta Potestade assignalando".

São Francisco de Assis — "Cantico do Sol"
— Versão — GENERINO.

Pára, contempla e vê:

Quem quer que sejas, creatura humana
Ou feitura de Deus, á sua imagem,
Detém o passo á improba romagem:
Aqui "Francesco", quanto existe, irmana.

A próvida Pobreza Franciscana
Não conhece dissidios nem linhagem:
Todos abriga em seu burel; e, ufana,
A todos falla fraternal linguagem.

Paulo de Tarso ou Ignacio de Loyola
— Que ensina a amar ou disciplina a estola —
Não "vizionaram" tanto a Humanidade,

Como o humilde "Mendigo de saccola",
Que vos não pede fraternal esmola
Mas descanta ao "Irmão Sol" nossa humildade.

Rio, 24 de Shakespeare de 139-73 (3-IX-927).

SANTA CLARA E SÃO FRANCISCO

(Instituição do *Cântico do Sol*)
Grupo em bronze, de Eduardo de Sá.
Campo do Russell, sob o outeiro da Glória
Rio de Janeiro — 1927.

EPILOGO

RELIQUIAS

A' medida que os annos vão passando
E vão passando as illusões formosas,
Quaes fugitivas ondas marulhosas
Que o glauco mar vai para traz deixando...

E triste o coração, soffrendo e amando,
Colhe espinhos na vida em vez de rosas,
Dentro em mim mesmo como em tenebrosas
Prisões, cada vez mais vou me isolando!

E então, curtindo dores e tristezas,
Vivendo o que vivi n'outras idades
A que outras paixões se achavam presas,

Eu me concentro em minhas faculdades
Adorando, entre lagrimas represas,
Minhas recordações, minhas saudades.

A RONDA DOS MORTOS

AD IMOS IMMORTALES

No intimo Campo Santo onde repousa
Quanto amei ou bemquiz no meu passado,
Vejo, quando o contemplo, emocionado,
Grata imagem surgir de cada lousa.

E animar-se, e viver, em acto ou cousa
Que, em vida, nos houvesse conjugado:
— Viva recordação — cada ente amado
Revive em mim, si para os mais repousa.

E eis que, todos, se movem docemente,
Como sombras no *ecran* de um vidro fosco,
Através de minh'alma reverente!

Espectros immortaes de um "cine" tosco!
Como, em mim, vós viveis continuamente,
Continuamente, eu viverei convosco!

MUNDO IDEAL

No pequenino mundo que eu habito
E creei, como um Deus, intimamente,
Com tudo quanto penso e a alma o sente,
Com tudo quanto sinto — e o tenho dito;

E systematisei porque é finito:
— Onde começa tudo que não mente
E o bello e o bom terminam justamente —
Não ha que admirar, n'um gesto ou grito.

Nelle, porém, vivo eu, — só mas contente
De tudo que o ambienta — e é, na verdade,
O que menos seduz a toda gente.

— Relativa e ideal felicidade,
A que nada me falta, inteiramente,
Nem Deus, porque o meu Deus é a Humanidade.

A' PURA E SANTA MEMORIA DE MINHA MAE

Como arvore que verga em flor por sobre a leiva
Fecunda, que a gerára, a gratidão do fruto,
Assim, ó minha Mãi, d'alma e amorosa seiva
Que me puzeste n'alma, este livro é o producto.

Bem o quizera extreme e são de qualquer eiva
Que possa marear-lhe o espirito impolluto:
— Trahio-me alguma vez a rima com quem lucto;
Outras vezes a forma o pensamento aleiva.

Embora! E' todo teu. Perpassa em cada verso
Tua alma encantadora, o teu divino alento
Que me embala a cantar, como amoroso scherzo,

E lhe imprime esse austero e puro sentimento:
Fluido ideal de amor que, embora suave ou terzo
A plastica lhe adoça e alarga-lhe o andamento.

A' INOLVIDAVEL MEMORIA DE MEU PAI

Pai, e não pai sómente pelo sangue,
Mas pelo coração, mas pelo exemplo,
E mais pela alma que era como um templo
Onde impera a virtude e o vicio entangue.

Quando teu vulto em meu scismar contemplo,
No teu leito de morte, anciando exangue,
Não sei que dôr saudosamente langue
Me incita ainda a te seguir o exemplo.

E' que tu, com tua austera honestidade,
Com tu'alma mais rija que teu braço,
Com tua suavissima bondade,

Do maternal amor concluiste a obra,
Pondo em minh'alma a tempera do aço
De Toledo, que parte mas não dobra.

LONGE DE TI

(A' MINHA MÃE)

Quando, nas horas de mortal tristeza,
Volvo chorando os olhos ao passado,
E cuido, Mãe! que vivo inda a teu lado
Nessa do norte heroica e atlantica Veneza;

Ao ver-te essa divina singeleza,
E ao contemplar-te o rosto idolatrado,
Ah! nem tu sabes, não! como magoado
Me bate o coração, sinto a alma presa.

No entanto, a minha pobre mocidade,
Longe de ti, se escôa dolorida,
Como a rôla que geme em soledade...

Inda agora te busca enternecida,
E te envia, nos prantos da saudade,
A dôr do coração, a dôr da vida.

(1879).

A' NOTICIA DA MORTE DE MINHA MAE

Non é l'affezione mia tanto profonda
Che basti a render voi grazia per grazia.

DANTE — *Paradiso.*

Partiu-se emfim a urna crystalina,
Que o teu profundo affecto enchia inteira;
E nem pude colher a derradeira
Queixa d'amor de tua voz divina!

Evolou-se no espaço; e, peregrina,
D'echo em echo, saudosa e lastimeira,
Foi-se perder, talvez, na loira esteira,
Que teu amor prendera á minha sina,

E extinguiu-se... e morreu! Mas tua imagem,
Essa, em fechando os olhos, a contemplo;
Cuido que falla e escuto-lhe a linguagem.

No espelho cerebral, como num templo,
Tenho-a gravada e rendo-lhe a homenagem
Que o teu amor me inspira e o teu exemplo.

NA SEPULTURA DE MINHA MÃE

INSCRIPÇÃO

Aqui jaz nesta funebre devesa,
Onde tudo o que existe é transformado,
Um coração, que amou e foi amado,
Segundo as sabias leis da natureza.

Nasceu, viveu, morreu, na singeleza
D'um affecto sublime e recatado;
Foi seu mundo a familia e seu reinado
O brando jugo que o mais livre presa.

Providencia do lar! Mãi! Qu'és agora?
Bemdicta luz de enamorada aurora!
— Sol que fecunda a leiva da saudade!

Vós, que passais, parai ante esta cova!
— Aqui começa uma existencia nova
Minha Mãi, que honrou, amando, a Humanidade.

NO VERSO DE UMA PHOTOGRAPHIA

REPRESENTANDO O RETRATO DE MINHA MÃE

Este, que vês, é apenas o retrato,
Que o Sol photographou sobre um cartão,
De minha Mãe — d'aquella que idolatro:
— O original... tenho eu, no coração.

O Sol — o Grande Artista Luminoso —
Estampou-lhe o perfil, deu-lhe á feição
Alma luz de um sorriso carinhoso;
Mas vida... só lh'a dá minha affeição.

— Affeição filial, que á Mãe querida
Restitue todo o amor e toda a vida,
Que lhe deu, em perenne gratidão.

Humano coração! não tens linguagem
Para dizer o que é a doce imagem
D'esta Santa da tua devoção!

NO VERSO DE UMA PHOTOGRAPHIA

(LEGENDAS)

O Sol — o Supremo Artista —
Não pôde pintal-a, não!
— Faltou-lhe a amorosa vista
Que eu tenho no coração.

Minha Mãe e Anjo da Guarda!
Meu principio e ultimo fim!
— Meu coração é mansarda
Que habita um Deus — Tu em mim!

Essa a quem sempre a mão, contente, beijo
E me encanta o viver com um só sorriso,
E' minha Mãe. — Humano Paraizo!
Ninguem te sabe ver como eu te vejo.

Contempla e vê... Não vês! — Porque é preciso
Ter no olhar, para vêl-a, um coração!
— Para mim, é, na Terra, o Paraizo:
E' minha Mãe! — Não vês? Ah! não vês, não!

Amem uns teu olhar ou teu sorriso;
Outros, do teu aspeito a distincção:
— O' minha doce Mãe! não te analyso...
Para mim, tudo em Ti é coração!

Quem nada ou pouco espera d'este mundo,
Para o Céo volve olhares namorados:
— "A Virgem-Mãe é o Idolo jocundo
Dos ternos corações desoccupados."

RETROGRADANDO O CAMINHO PERCORRIDO

E assignalando minha tacita mas compulsoria exclusão da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, que então se fundou por effeito da scisão — e ruptura, contra meu voto, dos laços religiosos — havida entre positivistas orthodoxos do Rio e de Paris. (*)

"Uma doutrina superior a seus orgãos quaesquer."

Cuidei que, um dia, perlustrando mares
Empós almo ideal que me sorria,
Te pudesse alcançar, luz erradia,
Intima luz d'altissimos scismares.

Era, em mundos de amor, luz de poesia;
E luz de sciencia, em céos intrasolares:
— Luz de um sol que se esbate em doces luares —
E a Terra e o Espaço ao Grande Sêr prendia.

Almo ideal de û'alma sequiosa
De paz, de amor, de todo o bem que existe,
Ah! te não visse eu, luz enganosa!

Pois, ver-te, foi sentir que me fugiste,
Levando quanto amei, n'alva saudosa
Da minha vida solitaria e triste.

(*) — Veja o apêndice — *Da Testamentaria.*

TOPO DA MONTANHA

(INTRO E EXTRA RETROSPECÇÃO VISUAL)

NO TEMPO E NO ESPAÇO

Do topo da montanha desta vida,
Relanceio olhar ávido de espaço;
E calculo a distancia percorrida
Pelo tempo que andei: — producto... escasso!

Bem mais tenho que andar... Sinto-me lasso!
Que fiz de bom para tamanha lida?
Não sei! — Só sei que vou, com tardo passo,
Gravitando a montanha desta vida!

E agora, que aqui estou, me intro-contemplo:
Sinto que tenho, n'alma apercebida,
Um grande amor; meu coração é um templo,

Onde cultúo a Deusa-Evoluida:
Ouço-lhe a voz; busco seguir-lhe o exemplo;
E... transmonto a montanha desta vida!

NON OMNIS MORIAR

(PALAVRAS DE UM PHILOSOPHO MORIBUNDO)

A' MEMORIA DE AUGUSTO COMTE

Bem sei que hei de morrer! Fatal desdobramento
No seio da materia, a morte não me aterra.
Volva, pois, ao Planeta o que este corpo encerra:
Eu sei que hei-de viver no humano pensamento.

Eu na vida o que sou? Se um duplo movimento
Compõe e decompõe os corpos sobre a terra;
Se o que fui já não sou; se Hippocrates não erra:
— Transformação é morte ou é renascimento?

Mas tudo quanto amei; mas todo pensamento
Que esse amor me inspirou; mas toda actividade
Que puz em bem servil-o e a seu contentamento;

Todo mal que evitei do orgulho ou da vaidade;
E todo bem que fiz siquer um só momento:
Oh! isso ha de viver por toda a eternidade.

APÊNDICE

APÊNDICE

— A —

A gravidade do assunto geral da afirmativa de Generino na legenda do sonteo deste volume — "Retrogradando o caminho percorrido", afirmativa posteriormente espréssa, em fórma de dúvida, no seu testamento (Vol. 1.º de "Humaniadas", pg. XXIV), requér aqui se transcreva o teor de uma declaração dele, escrita de próprio punho, encontrada em seu arquivo. Vê-se aí que Generino é que não aderiu à nóva organização da Sociedade Pozitivista do Rio de Janeiro, no momento da felís ruptura désta com Laffitte (1883). Por isso, não assinara a "Circulaire Collective adressée à tous les vrais disciples d'Auguste Comte" (3 décembre 1883) redigida por Miguel Lemos, como prezidente. Veja-se: "Rapport pour l'année 1883", pg. 115. Ficou, assim, desde lógo documentada a "sizão Laffitte" e seus verdadeiros motivos. Advirta-se, porem, que nesse seu Testamento de 1927, proclama Generino, de maneira solene, a sua *mais compléta e espontânea adezão à propaganda da I. e A. P. do Brazil, propaganda que tem solidáriamente seguido, desde os tempos do "Centro Pozitivista", como é público e notório.* — Claro está que tal é a *confissão derradeira* de Generino, às pórtas da mórte, acerca de sua adezão ao Pozitivismo e à propaganda feita por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, no Brazil, e isto durante mais de quarenta e séte anos de sua longa ezistência.

Eis a decleração de Generino:

SOCIEDADE POSITIVISTA DO RIO DE JANEIRO

VIVER ÁS CLARAS

"Cumpre sempre o teo dever
Succeda o que succeder."

Tendo tido a infelicidade de achar-me em divergencia com os meus confrades da Sociedade Positivista, não quanto a ponto de doutrina ensinada por Augusto Comte, nem quanto á sua applicação aos factos que determinaram a recente crise, mas — tão somente — ao modo pelo qual foi ella resolvida e as consequencias fataes que uma tal solução deve trazer á unidade de nossa crença e á proficuidade da nossa propaganda, resolvi abster-me de pertencer á mesma Sociedade, reorganisada como actualmente se acha, — razão pela qual deixei de assignar a circular collectiva que corre impressa.

Isto não quer dizer, porém, — nenhumamente — que me tenha desligado dos compromissos anteriormente contrahidos, em face da nossa doutrina, para com os meos dignos confrades, a cujas eminentes qualidades intellectuaes, affectivas e de caracter, rendo o mais sincero e merecido preito, e cuja amisade, muito honrosa para mim, me esforçarei sempre por continuar a merecer.

Pelo contrario, procurando permanecer fiel á doutrina do Mestre, quanto em minhas forças couber, faço os mais ardentes votos para que, convencido mais tarde do meo erro, si o erro estiver da minha parte, — o que só o tempo mostrará — possa eu voltar de novo, não ao Centro Positivista, que, segundo declaração do chefe brasileiro deixou de existir com o laço religioso que nos prendia ao chefe supremo, mas á Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, a quem a minha situação pessoal não me permittio prestar os serviços que desejára, e de quem me separo com verdadeira magoa.

Devo entretanto declarar que nenhum motivo pessoal — nem interesse e nem fraqueza — me forçou a dar este passo, sem duvida um dos mais dolorosos da minha vida, senão o que reputo comprimento do meo dever — o de ser verdadeiro comigo mesmo e sincero com os meos confrades, a quem sempre e por toda parte, nos bons como nos máos dias do Positivismo, prestei o mais franco e decidido apoio, algumas vezes muito além do que as circunstancias o permittiam. — Sirva, pois, esta minha declaração, senão de protesto, ao menos de lenitivo — tristissimo lenitivo! — contra as amarguras de uma situação para a qual de nenhum modo concorri e que a todos nos está pungindo.

Para mim todo o segredo, a palavra magica, a grande força do Positivismo, mas uma força de irresistivel attracção, capaz de superar todos os obstaculos, muito mais do que no seo culto e no seo dogma, estava no seo regimen — nessa disciplina forte, austera, inquebrantavel — um por todos e todos por um — que se ostentava em torno de uma hierarchia sacerdotal sociocraticamente instituida e livremente aceita; disciplina que só a unidade religiosa nos podia dar como produto da unidade cerebral correspondente; disciplina que nos prendia ao chefe brasileiro, e a todos nos congregava em torno do Chefe Supremo da Humanidade."

O manuscrito dessa declaração não está datado nem assinado. Num rascunho encontrado entre os papéis do espólio lê-se mais o seguinte, após a espressão "Chefe Supremo da Humanidade": "Rôta ella, todo o organismo religioso está desequilibrado."

— B —

BRÉVES INFORMAÇÕES

sobre o estado atual da ezecução testamentária de Generino dos Santos

Dividiu-se em duas partes o cumprir do Testamento. Veja-se no "apêndice" do 1.º vol. do *Espólio* o que se pôde fazer quanto à primeira. Assim, vazárão-se em bronze as péças indicadas: "Dante" e "Alma Penada", de Almeida Reis (p. XXIV) e medalhão de Lacaille (p. XXXV). Todos os legados instituídos, aínda em vigor, fôrão satisfeitos. Ver vol. cit., pg. 241 e 242.

A segunda parte consistiria na impressão, si possivel integral, dos vérsos do Testador. Mas o mesmo advérte que as suas compozições pódem ser "todas publicadas dezordenadamente, num só ou mais volumes, segundo as circunstâncias do momento o determinarem" (pg. XXIX).

Adiante se estampa o *Indículo geral do Espólio Literário de Generino*, com os necessários dados bibliográficos. Abrange 12 volumes. Publicárão-se até aqui oito volumes, na órdem cronológica seguinte: 1.º (30-XII-937), 4.º (28-III-938), 5.º (5-IV-938), 8.º (17-V-938), 11.º (30-V-938), 3.º (25-VI-938), 7.º (30-VII-939) e, finalmente, o prezente vol. 2.º (12-II-940). Réstão, portanto, a publicar, aínda sujeitos a seleção: o 6.º, 9.º, 10.º e 12.º. Este último é constituído pelos escritos, próza e vérso, ha longo tempo inéditos, do escritor sergipano, Jozé Jórge de Siqueira Filho (1845-1869) — tocante homenágem fraternal de Generino à memória dele (pg. XXIV do vol. cit.).

— De acordo com sentimentos espréssos, não foi, nem deverá ser a óbra de Generino submetida voluntáriamente à crítica profissional. Anunciou-se, entretanto, o sucessivo aparecimento dos volumes e ficou registrado na seção puramente bibliográfica de jornais e revistas. Ver "Jornal do Comércio", de 16-I-938, pg. 11; ibd., de 14-V-939, pg. 8; ibd., de 13-VIII-939, pg. 10, e outros.

— Os volumes do Espólio fôrão não só largamente distribuídos, como de praxe, por amigos, admiradores, correligionários do Testador, sinão também remetidos a muitas associações, bibliotecas públicas do país e do esterior. Estas duas últimas determinações realizárão-se por intermédio da Biblio-

téca Nacional. E aqui se marca especial agradecimento a seu atual diretor, Dr. Rodolfo Garcia.

— Achão-se os volumes consignados em divérsas livrarias da Capital e dos Estados, em edição numerada e em *edição popular* a ser vendida "a módico preço" como preceitua o Testamento (p. XXIV). A "edição de luxo" teve que ser substituída pela numerada, em papel "Buffon" de 1.ª qualidade.

A venda tem sido práticamente nula, até hoje. Seu eventual produto seria, entretanto, aplicado, desde lógo, à publicação dos volumes restantes, visto o quazi completo esgotamento dos fundos em depózito.

O "Indículo geral do Espólio literário" e o "Rezumo financeiro", que séguem, acabarão de ministrar os esclarecimentos complementares déstas bréves informações.

— C —

ESPÓLIO LITERÁRIO DE GENERINO DOS SANTOS

INDÍCULO GERAL

a) — *Volumes publicados*

Vol. primeiro — liv. 1.º *Paizagens.*
liv. 2.º *Rapsódias pernambucanas.*
(Contem mais: a — Advertência do Testamenteiro, Sílvio Vieira Souto; b — Testamento de Generino dos Santos (XXXIX pgs.); c — Documentos referentes à ezecução da primeira parte do testamento. Retrato do autor e fotografia de seu ossário. — 246 pgs. Edição numerada, 500 ezs.; ed. popular, 1.000. — Saíu em 30-XII-937. — Preço: ed. num., 7$0; ed. pop., 5$0.)

Vol. segundo — liv. 3.º *Alma pozitivista*
(Contem mais: Advertência do Testamenteiro. Apêndice e nótulas (Relações de Generino com a Igreja Pozitivista do Brazil; ezecução da segunda parte do testamento). 200 pgs., 12 estampas. — Ed. num., 100 ezs.; ed. pop., 400. — Saíu em 12-II-940. — Preço: ed. num., 10$0; ed. pop., 7$0.)

Vol. terceiro — liv. 4.º *Imortalidade subjetiva.*
liv. 5.º *Mármores e bronzes.*
(462 pgs. — Ed. num., 200 ezs.; ed. pop., 400. — Saíu em 25-VI-938. — Preço: ed. num., 12$0; ed. pop., 8$0.)

Vol. quarto — liv. 6.º *Alma coletiva* (Hinário).
liv. 7.º *Alma alheia* (Versões e traduções).
(176 pgs. — Ed. num., 200 ezs.; ed. pop., 800. — Saíu em 28-III-938. — Preço: ed. num., 7$0; ed. pop., 5$0.)

Vol. quinto — liv. 8.º *Alma reflexa* (Impressões de Arte).
(232 pgs. — Ed. num., 200 ezs.; ed. pop., 800. — Saíu em 5-IV-938. — Preço: ed. num., 7$0; ed. pop., 5$0.)

Vol. sétimo — liv. 11.º *O escultor brazileiro C. C. Almeida Reis.*
(1. In aeternum; 2. Nótas sobre sua vida e óbras; 3. Suas relações com a Igreja Pozitivista do Brazil.)

(Contem mais: a — Advertência e Discurso de Mário B. Carneiro e Palavras de Alberto P. Jacobina; b — Nótas do Testamenteiro; — c — Apêndice: Documentos acerca do espólio artístico Almeida Reis. — 225 pgs., 29 estampas. — Ed. num., 100 ezs.; ed. pop., 500. — Saíu em 30-VII-939. — Preço: ed. num., 15$0; ed. pop., 7$0.)

Vol. oitavo — POEMAS DANTESCOS
liv. 12.º *Æterna carmina*
liv. 13.º *Seculare carmen*
liv. 14.º *Várias compozições sobre Dante*
(Contem mais: Advertência de L. F. V. S. Nótas de Generino. — 170 pgs., 8 estampas e uma partitura facsimilada (10 clichés). — Ed. especial (papel *couché*), 100 ezs.; ed. num., 200; ed. pop., 700. — Saíu em 17-V-938. — Preço: ed. esp., 20$0; ed. num., 10$0; ed. pop., 8$0.)

Vol. undécimo — *Considerações gerais sobre a Civilização chineza*, por Pierre Laffitte. Versão Generino.
(Contem mais: Advertência e nóta final de L. F. V. S. — 188 pgs. Ed. num., 200 ezs.; ed. pop., 800. — Saíu em 30-V-938. — Preço: ed. num., 7$0; ed. pop., 5$0.)

b) — *Volumes a publicar*

Vol. sesto — liv. 9.º *Alma lirica*
liv. 10.º *Vérsos de amor*
(277 pgs. manuscritas.)

Vol. nono — liv. 15.º *Coévos e ancestrais.* (1. Pequenos cantares do grande ciclo da navegação aérea; 2. Pela República; 3. A Floriano Peixoto; 4. Pela história do Brazil; 5. Pela América; 6. Impressões de guérras; 7. Sonetos da índia — ciclo da grande navegação marítima.)
liv. 16.º *Alma fratérna*
(404 pgs. manuscritas.)

Vol. décimo — liv. 17.º *Moscas de Milão* (Humorismos, epigramas e sátiras)
liv. 18.º *Alma vária*

Vol. duodécimo — Óbras PÓSTUMAS (Próza e Vérso) de Jozé Jorge de Siqueira Filho, escritor sergipano (1845-1869). — Homenágem fraternal de Generino.

N. B. — Os volumes de 1 a 10 compreêndem as compozições em vérso de Generino sob o título geral de "HUMANIADAS". — Nas livrarias da Capital e dos Estados. Correspondência: Caixa postal 1.041 — Rio de Janeiro.

— D —

REZUMO FINANCEIRO

(Ver o "Apêndice" do 1.º vol. do Espólio)

Saldo em caixa da Testamentaria em 19-VI-934 (Vol. cit., pgs. 243-245)		468$800
Recebido da "Caixa Econômica", para impostos, custas, etc., em 4-XI-934		3:500$000
"Caixa Econômica" (Vol. cit., pg. 246):		
Cad. 45.125, 4.ª série. Saldo em 28-XII-936	20:000$000	
Cad. 23763 (chéques), abérta em 17-XII-937	23:493$040	43:493$040
Soma		47:461$840
Cautéla do Banco Espanhol, de 86 ações 487.200 (milionézimos de ação) avaliadas a 30$0 c/u.		2:594$616
Juros vencidos pelas cadernetas acima (1937-1938)		2:279$160
Total do ativo em 31-XII-938		52:335$616
Dedus-se:		
Cautéla citada, declarada sem valor pelo corretor do Juízo (maio de 1939) ...	2:594$616	
Preparação geral do acervo literário (Nóta de J. Soares Pereira, 1.º vol., pg. 222):		
Recibo conjunto de J. Soares Pereira (800$0) e Etibno Nélson Chaves (800$0), de 2-III-936	1:600$0	
Trabalhos complementares (Adendo, vol. cit., pg 224) Rec. de J. Soares Pereira, de 19-II-937	1:000$0	2:600$000
Revizão do 1.º vol. e despezas relacionadas. Rec. de J. Soares Pereira, de 26-VIII-937		335$000
Serviços do Dr. Luis Felipe Vieira Souto (de 4-XII-937 a 31-I-939):		
Referentes aos vols. 3.º, 4.º, 5.º, 8.º e 11º; arquivamento		
A transportar	5:529$616	52:335$616

Transporte		5:529$616	52:335$616
final dos originais, etc (5 recibos de 1938)	5:000$0		
Despezas relacionadas pelo mesmo, incluzive conta de fotógrafo, espedição e encadernações (4 recibos de 1938)	2:000$0	7:000$000	
Rodrigues & Cia. ("Jornal do Comércio"):			
Impressão do 1.º vol. (6-I-938)	6:850$0		
Impressão do 4.º vol. (30-III-38)	3:152$0		
Impressão do 5.º vol. (18-IV-938)	4:104$0		
Impressão do 8.º vol. (9-VII-938)	4:153$0		
Impressão do 11.º vol. (9-VII-938)	3:356$0		
Impressão do 3.º vol. (9-VII-938)	6:116$0		
	27:731$0		
4.000 bandas impréssas, para espedição dos volumes, papel Kraft, de 33 k. 30-III-938	460$0	28:191$000	
Custas judiciárias, impostos e despezas de pequena monta (1934-1938)		2:128$000	
Concerto da placa tumular. 20-VIII-938..		120$000	
Emolumentos deduzidos pela "Caixa Econômica", c/c. até dez. 1938		7$850	
		42:976$466	
Saldo em caixa da Testamentaria, em 31-XII-938		205$800	
Saldo na "Caixa Econômica", na mesma data		9:153$350	
	Rs.	52:335$616	52:335$616

N. B. — A caderneta primitiva, n.º 45.125, 4.ª série, foi liquidada com a autorização do Juízo. O seu saldo liquido, na importancia de 21:041$700 passou, em 24-VI-938, para a cad. n.º 23.763 (chéques). — A cautéla do Banco Espanhol, declarada sem valor, acha-se sob a guarda da Testamentaria.

Rio de Janeiro, 11 de Frederico de 151 (15-nov.-1939).

a) — SÍLVIO VIEIRA SOUTO,
testamenteiro.

Preço 10$000